

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

Escolha da licenciatura e da instituição de ensino superior:
Identificação dos principais fatores para alunos que ingressam no
ensino superior

Alexandre Filipe Mata Patrício

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Políticas de Desenvolvimento dos Recursos Humanos

Orientadora:
Professora Doutora Fátima Suleman, Professora associada (com Agregação)
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Agosto, 2020

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha orientadora Professora Doutora Fátima Suleman pelo apoio continuado desde o início até ao fim da investigação, pelos esclarecimentos e introspeções e acima de tudo pela paciência que ajudaram a moldar este trabalho.

Agradeço igualmente a todo o pessoal do ISCTE-IUL, que tornaram este sonho uma possibilidade e que continuarão a ajudar inúmeros outros alunos após o término deste trabalho.

Ainda a agradecer temos os meus colegas de mestrado, que muitas horas partilharam comigo para garantir que todos os trabalhos eram entregues com a melhor qualidade dentro dos prazos definidos e também os colegas com quem não trabalhei diretamente, mas cujas conversas e discussões tornaram o mestrado numa experiência única.

A não esquecer também todos os entrevistados que aceitaram participar nesta investigação, cuja contribuição foi essencial para a presente investigação.

Ultimamente, mas não com menos importância, gostaria de agradecer à minha família: aos meus pais, ao meu irmão e à minha namorada, sem o apoio dos quais nunca conseguiria ter terminado esta investigação.

Resumo

A expansão do ensino superior é uma realidade que afeta cada vez mais Portugal e o mundo todo. Esta pesquisa procura identificar os fatores que levam os estudantes a escolher uma licenciatura numa determinada área de formação e uma certa instituição de ensino superior. Enquanto estudos disponíveis recorrem maioritariamente à análise quantitativa, nesta pesquisa utilizámos uma análise qualitativa que permite uma melhor compreensão daqueles fatores. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas ($n=20$) a licenciandos cujo curso foi a sua primeira opção. A análise empírica permitiu esclarecer os fatores que influenciam a escolha dos curso, bem como diferenças entre o curso atual e aquele que seria desejável. Os dados revelaram que a escolha é especialmente influenciada pela motivação para o conhecimento, pelo interesse pelo conteúdo académico, pela procura pela adaptação a nível pessoal e académico ao curso que os alunos escolhem, pela localização da instituição, pelo custo do ensino superior e pela reputação da instituição. Os dados permitirão ajudar a reduzir a divergência entre a oferta apresentada pelas instituições e a procura realizada por parte dos alunos na escolha de cursos e instituições de ensino superior.

Palavras-chave: expectativa do aluno; motivação do aluno; transição para a licenciatura; escolha do curso; escolha da instituição; escolha do aluno

The expansion of higher education is a reality that increasingly affects Portugal and the world. This research seeks to identify the factors that lead students to choose a degree in a specific area of training and a certain higher education institution. While available studies mostly use quantitative analysis, in this research we used a qualitative analysis that allows for a better understanding of those factors. Semi-structured interviews ($n = 20$) were carried out to undergraduate students whose course was their first option. The empirical analysis allowed to clarify the factors that influence the choice of courses, as well as differences between the current course and the one that would be desirable. The data revealed that the choice is especially influenced by the motivation for knowledge, the interest in academic content, the search for personal and academic adaptation to the course that the students choose, the location of the institution, the cost of higher education and the reputation of the institution. The data will help to reduce the divergence between the offer presented by the institutions and the demand made by the students when choosing courses and higher education institutions.

Keywords: student expectation; student motivation; transition to bachelor's degree; choice of course; choice of institution; student-choice

Índice Geral

Introdução	1
Capítulo I. Revisão da Literatura.....	3
Capítulo II. Metodologia	12
Capítulo III. Análise dos resultados	14
Capítulo IV. Discussão dos resultados	29
Conclusão.....	33
Referências bibliográficas	35
Apêndices	38
Quadros	38
Figuras	39

Índice de Quadros

Quadro 1.1. – Quadro teórico	10
Quadro 1.2. – Quadro de frequência dos fatores	11
Quadro 4.1. – Quadro síntese dos resultados	30
Quadro A - Caracterização sociodemográfica	38
Quadro B – Género predominante no curso	38
Quadro C – Licenciatura e instituição atual vs. ideal	39

Índice de Figuras

Figura A – Principais razões de escolha do curso atual	39
Figura B – Principais razões de escolha da instituição atual.....	40
Figura C – Sexo do entrevistado Vs. Sexo predominante no curso	40
Figura D – Meios de suporte à tomada de decisão.....	41
Figura E – Guião de entrevista (1)	42
Figura F – Guião de entrevista (2)	43
Figura G – Guião de entrevista (3).....	44
Figura H – Guião de entrevista (4).....	45
Figura I – Guião de entrevista (5)	46
Figura J – Guião de entrevista (6)	47

Introdução

Portugal tem vivenciado desde a Revolução de 25 de Abril de 1974 uma tremenda transformação a nível político, social e educacional. Em menos de meio século, o país transitou de uma ditadura para uma democracia, abandonou o isolacionismo em prol da comunidade europeia e desenvolveu fortemente os seus níveis educacionais (Cabrito, 2011). Desde então, a educação terciária tem-se tornado uma tendência crescente em Portugal. Autores como Almeida & Vasconcelos (2008: 24) ditam que o Ensino Superior em Portugal vivenciou nas últimas três décadas uma fase de grande expansão a nível do número de alunos, de cursos e do número e diversidade de instituições. Cabrito (2011) destaca ainda a transição para um sistema político democrático e a capacidade atrativa da educação como fator de transformação e requalificação do capital humano e fator de redistribuição do rendimento e de mobilidade social para justificar o aumento do número de alunos. Como resultado, segundo Cabrito (2011), a educação superior em Portugal abandonou a sua natureza elitista, que se refletiu num aumento da oferta de alunos e de competição entre instituições de ensino superior para atrair clientes.

O processo de tomada de decisão sobre a educação continuada numa instituição de ensino superior é geralmente realizado uma vez na vida, onde os tomadores de decisão, com base em dados inadequados sobre a posição no mercado de trabalho e a oferta nas instituições de ensino superior, devem tomar decisões que determinarão as suas ocupações futuras. Os alunos que terminam o ensino secundário enfrentam, antes de tudo, uma decisão se continuarão os seus estudos ou se entrarão para o mercado de trabalho. Com isso, eles tentam estimar o valor do seu investimento em educação (Smajlovic, 2015: 357). Adam Smith (1776) destaca que o Ser Humano age e decide com base no interesse próprio e na escolha racional, onde, através de decisões conscientes, procura em qualquer situação a maximização os seus benefícios e, simultaneamente, a minimização as suas perdas.

Pretendemos que sejam esclarecidos os fatores que levam um indivíduo a escolher o curso e instituição de ensino superior e o peso que cada fator tem em relação a todos os fatores enumerados. Pretendemos assim reduzir a divergência entre a oferta apresentada pelas instituições e a procura realizada por parte dos alunos na escolha de cursos e instituições de ensino superior. Atualmente, existem vários estudos e investigações que abordam o tema das motivações e expectativas para ingressão no ensino superior, todavia, ao conhecimento do investigador, os ditos recorrem maioritariamente a abordagens quantitativas para as suas hipóteses. Choy (2014), indica que a análise quantitativa não permite uma exploração muito

detalhada dos dados, enquanto que a análise qualitativa permite levantar mais questões por meio de consultas amplas e abertas. Isto será útil para explorar possível lacunas e esclarecer questões que os participantes no estudo possam interpretar mal. Caso esta lacuna seja ignorada e os dados permaneçam por esclarecer e explorar, poderemos ver um alargamento do desfasamento entre a procura e a oferta das licenciaturas devido a um desajustamento de qualidades e características procuradas nas mesmas; assim como um gasto de recursos desnecessário por parte das instituições superiores, que podem ver as suas licenciaturas com procura insuficiente, o que poderá levar à não-abertura das licenciaturas no próprio ano letivo e, consequentemente, levar a um maior prejuízo às instituições. Para elucidar esta questão, recorreremos a um método de investigação qualitativa, refletido num conjunto de entrevistas denominadas de “Abordagem de Guia da Entrevista” (Patton, 1980: 206) aplicadas a licenciandos cuja licenciatura foi a 1^a opção de ingresso e iremos comparar os dados obtidos com os dados de autores com teoria já publicada. As licenciaturas dos entrevistados enquadravam-se nas seguintes áreas de formação: bioinformática, informática e gestão de empresas, economia, engenharia (eletrotécnica e de computadores, informática, mecânica, de telecomunicações e informática), gestão (de marketing, de recursos humanos, industrial e logística), psicologia, serviço social e sociologia. Embora os métodos qualitativos estejam mais limitados em termos de tamanho de amostra e disponibilidade temporal e/ou geográfica, contrariamente a métodos quantitativos (ex.: questionário), as entrevistas permitirão respostas abertas mais abrangentes, o que possibilitará uma análise mais rica do conteúdo.

Para a presente investigação, proporemos as seguintes questões de investigação:

- Quais são os fatores determinantes que influenciam a escolha de uma determinada licenciatura?
- Quais são os fatores determinantes que influenciam a escolha de uma determinada instituição de ensino superior?
- A escolha é influenciada somente pela procura da maximização de benefícios e minimização de perdas?

Esta tese está dividida em quatro capítulos, sendo que o capítulo 1 detalha a revisão de literatura, o capítulo 2 descreve detalhadamente a metodologia usada nesta investigação, o capítulo 3 apresenta a análise dos dados obtidos e o capítulo 4 discute os resultados da investigação.

Capítulo I. Revisão da Literatura

A teoria do capital humano teve a sua origem no contributo de Smith em 1776. A teoria e o conceito de capital humano foram posteriormente desenvolvidos por mais autores. A literatura analisada (Smith, 1776, como citado em Soares, 2007; Marx, 1859; Mincer, 1958; Schultz, 1961; Von Thünen, 1875; Fisher, 1906 & Marshall, 1930, como citado em Schultz, 1961; Becker, 1994) define o capital humano como o agregado das capacidades mentais e físicas existentes no Ser Humano, que provém não da natureza, mas antes, do hábito, costume e educação. O capital humano não pode ser separado do indivíduo, na medida em que o capital está “fixado” no mesmo, e pode ser desenvolvido através de investimentos em educação e formação. Quanto maior for o investimento em educação e formação, mais desenvolvido será o capital humano do indivíduo. Os autores marcam também uma relação positiva entre capital humano e rendimento – quanto mais desenvolvido o capital humano, maiores serão os rendimentos e os ganhos do mesmo. Assim, podemos concluir que investimentos na educação e formação são, igualmente, investimentos em capital (Mincer, 1958; Schultz, 1961; Becker, 1994).

Importa referir ainda que a sociedade humana moderna revolve à volta da relação salário-emprego, pelo que os empregadores desempenham um papel fulcral como influenciadores da escolha para a progressão do ensino superior. Em particular, destacamos as teorias de Spence (1973) e de Arrow (1973).

Spence (1973: 356) dita que “na maioria dos mercados de trabalho, o empregador não tem certeza das capacidades produtivas de um indivíduo no momento em que o contrata”, nem se terá facilidade ou rapidez a aprender a função ou se necessitará de formação específica.

Assim, de modo a evitar gastos adicionais com formação ou perdas com recrutamento e/ou seleção sem sucesso, os empregadores procuram “sinais” no mercado de trabalho e nos candidatos que indiquem que estes serão a escolha mais acertada. Desta forma, um dos indícios (isto é, “sinais”) a que os empregadores podem recorrer para diminuir os seus gastos será a educação. Os empregadores recrutarão os candidatos com maior nível de educação de modo a maximizar a diferença entre os salários oferecidos e custos de recrutamento e seleção, então designados de custo de sinalização (Spence, 1973: 358).

A teoria de Arrow (1973) baseia-se “na suposição de que os agentes económicos têm informações altamente imperfeitas. Em particular, o comprador dos serviços de um trabalhador tem uma ideia muito pobre da sua produtividade” (Arrow, 1973: 194). Os empregadores

também distinguem entre a produtividade esperada de graduados e não graduados do ensino superior (Arrow, 1973: 199).

Como resultado, as vagas disponíveis no mercado serão primeiramente, e sempre que possível, ocupadas por graduados do ensino superior antes de não-graduados serem considerados para a mesma vaga (“*labour-queue*”), o que resulta da exclusão dos não graduados do mercado de trabalho e consequentes rendimentos (“*crowding-out*”). Segundo Arrow (1973: 215) um aumento da população universitária resulta numa depreciação da qualidade de estudantes não-universitários.

Seguidamente, fazemos referência a obras de investigação que podem ajudar a esclarecer as motivações dos estudantes para o ensino superior, tanto para ingressarem no mesmo, como até para darem continuidade ao seu percurso académico.

Neste âmbito, afirmamos que a literatura analisada aponta como alguns fatores de motivação o desejo de desenvolvimento pessoal (De Boer, Kolster & Vossensteyn, 2010), e o desenvolvimento pessoal (competências; ambições...) e/ou profissional (Watkins, 2011; Zahran, 2013).

Outros autores referem fatores como o desenvolvimento profissional (Watkins, 2011), perspetivas de progressão na carreira e a necessidade de formação (Ferreira & Loureiro, 2013), e até mesmo barreiras na entrada no mercado (Durso, Cunha, Neves & Teixeira, 2016).

Outros fatores referidos são referentes ao apoio recebido pelo estudante, nomeadamente a presença ou ausência de apoio para o estudo (Burrow, Mairs, Pusey, Bradshaw & Keady, 2016) e o apoio na transição para o papel do aluno (Warren & Mills, 2009).

Determinados autores referem ainda motivações de âmbito económico, tais como a necessidade de mentores pagos e suporte nas propinas (Warren & Mills, 2009) e a existência de financiamento (Burrow, Mairs, Pusey, Bradshaw & Keady, 2016).

Outros fatores que podem influenciar a motivação têm carácter académico, tais como a qualidade de ensino (Zahran, 2013), a flexibilidade instrucional (Warren & Mills, 2009), o desenvolvimento de competências disciplinares (De Boer, Kolster & Vossensteyn, 2010), a motivação para o conhecimento (Watkins, 2011; Ferreira & Loureiro, 2013) e as exigências académicas do ensino superior (Burrow, Mairs, Pusey, Bradshaw & Keady, 2016).

O nível de habilitações dos pais do aluno ou candidato ao ensino superior também é apontado como um forte motivador para o ensino superior (Smajlovic, 2015; Durso, Cunha, Neves &

Teixeira, 2016), dado que quanto maior o grau de educação e os resultados académicos dos pais, mais provável será o aluno prosseguir os estudos.

O género também se revela um forte motivador, e revelou-se que estudantes do género feminino têm preferência pela educação continuada (Smajlovic, 2015).

Ultimamente, devemos fazer referência ao contributo adicional de Burrow, Mairs, Pusey, Bradshaw & Keady (2016), que enumeraram diversos fatores influenciadores da educação profissional continuada. Entre os vários fatores destacamos tanto fatores pessoais como profissionais (nomeadamente, ganhos de crescimento profissional e pessoal e ao aumento da confiança e pensamento crítico no trabalho), a influência que o local de trabalho/gestão da organização exercem na escolha (se encorajam, ou não, a decisão dos trabalhadores em estudarem) a disponibilidade (particularmente no que diz respeito ao tempo dispensado pelas Organizações para os alunos dedicarem aos cursos académicos) e a necessidade de equilibrar a vida profissional, pessoal e o curso.

Por último, faremos referência aos fatores que influenciam a escolha do curso e instituição para ingressar no ensino superior, conforme enumerado por diversos autores.

Alguns dos principais fatores influenciadores da escolha do curso e instituição dizem respeito à fase de recolha de informação sobre o curso e a instituição em questão, e refletem-se no acesso do aluno à informação (Simões & Soares, 2010), na aquisição de informação antes da decisão de escolha da universidade e na importância que a decisão tem para o aluno (Menon, Saiti & Socratous, 2007).

Outro importante fator influenciador da escolha da instituição e, por consequência, do curso de ensino superior diz respeito à localização da instituição do ensino superior, em particular, a proximidade da mesma com o lar e família do potencial aluno (Donnellan, 2002; Holdsworth & Nind, 2005; Raposo & Alves, 2007; Simões & Soares, 2010; Webb, 1993; Shanka, Quintal & Taylor, 2005). A residência no país é também um forte influenciador da decisão (Kallio, 1995), assim como a disponibilidade de alojamento (Holdsworth & Nind, 2005), que pode contrabalançar a distância entre a instituição e o lar de residência. As dificuldades na obtenção de um visto podem influenciar igualmente a escolha da instituição, uma vez que a escolha pode ficar limitada a determinados países (Chen, 2007).

Outros importantes fatores revelam-se de natureza económico-financeira e dizem respeito ao custo do curso a escolher e ao custo de vida ou por aula (Murphy, 1982; Webb, 1993; Coccari

& Javalgi, 1995; Lin, 1997; Shanka, Quintal & Taylor, 2005; Holdsworth & Nind, 2005; Raposo & Alves, 2007) ou se o aluno recebe ou não ajuda financeira (Kallio, 2005); e de natureza socioeconómica, ou seja, situação socioeconómica do aluno.

Outra categoria motivacional diz respeito à qualidade académica percecionada pelos aluno das instituições de ensino superior, que podem refletir-se numa vasta diversidade de fatores, entre os quais destacamos: a reputação académica (Webb, 1993; Soutar & Turner, 2002; Simões & Soares, 2010; Chapman, 1993; Murphy, 1981); a qualidade do corpo docente (Chapman, 1993; Coccari & Javalgi, 1995); a qualidade de ensino, da educação e da instrução em sala da aula (Soutar & Turner, 2002; Coccari & Javalgi, 1995; Lin, 1997); a qualidade dos programas e graus e a variedade de educação e flexibilidade das combinações de graduação/curso (Chen, 2007; Chapman, 1993; Shanka, Quintal & Taylor, 2005; Holdsworth & Nind, 2005); a diversidade do curso (Kallio, 1995); a qualidade e dimensão das instalações (Lin, 1997; Kallio, 1995); e a reputação e qualidade da instituição (Kallio, 1995). Ultimamente, a escolha de instituição e de curso pode também ser influenciada pela presença ou ausência de acreditações académicas (Webb, 1993) ou até mesmo pela segurança no campus (Shanka, Quintal & Taylor, 2005).

A escolha pode ainda ser motivada pela oferta académica, tal como a disponibilidade de vários graus (Donnellan, 2002), pelos programas de graduação e pela variedade de ofertas (Coccari & Javalgi, 1995).

O género apresenta-se não só como um forte fator sociodemográfico motivador para educação continuada, como também para a escolha da instituição e do curso. O género desempenha um papel fundamental na construção das aspirações vocacionais dos alunos na sociedade portuguesa, e pode ajudar a explicar a preferência feminina por ciências da educação e formação de professores ou enfermagem e a preferência masculina por engenharia (Tavares, Tavares, Justino & Amaral, 2008).

No âmbito de fatores sociodemográfico, devemos referir ainda que a escolha do curso e instituição pode também ser influência por pares e familiares. A literatura analisada defende que a escolha pode ser influenciada por recomendações de pais, amigos e professores (Murphy, 1981; Donnellan, 2002; Shanka, Quintal & Taylor, 2005; Raposo & Alves, 2007). O aluno pode ainda decidir sobre o seu curso e instituição de acordo com o estudo dos seus amigos e familiares (Shanka, Quintal & Taylor, 2005; Raposo & Alves, 2007) ou de acordo com contactos pessoais (Donnellan, 2002).

O nível de habilitação da família pode também influenciar a escolha, nomeadamente a nível de escolha de tipo de instituição e tipo de ensino (Tavares, Tavares, Justino & Amaral, 2008).

Autores como Raposo & Alves (2007) defendem ainda que a escolha do aluno é condicionada pela probabilidade de ingressão no curso e instituição.

Os alunos podem igualmente ser influenciados por fatores de carácter profissional, como as perspetivas vocacionais e de emprego (Tavares, Tavares, Justino & Amaral, 2008; Soutar & Turner, 2002), a comercialização potencial do grau (Webb, 1993) e a probabilidade de os empregadores recrutarem na instituição em questão (Holdsworth & Nind, 2005).

Outros fatores têm um carácter mais social para o aluno. Certos autores defendem que a escolha também é influenciada pela vida de estudante, vida social e pelo ambiente académico da instituição escolhida (Lin, 1997; Donnellan, 2002; Kallio, 1995).

Outros autores defendem uma perspetiva mais pessoal. Edmonds (2012) dita que existe sempre um fator que se mantém predominante aos restantes – fator pessoal - e dita que o indivíduo procurará sempre escolher um curso que mais se adapte ao próprio. Outros fatores podem ser referidos, como o interesse pelo conteúdo académico (Malgwi, Howe & Burnaby, 2005) e a adequação do aluno ao curso (Soutar & Turner, 2002), que apresentam um carácter simultaneamente pessoal e académico.

Outros fatores que poderão também influenciar a escolha são a existência, ou não, de um corpo discente internacional (Lin, 1997, como citado em Soutar & Turner, 2002), e o nível de capital económico e cultural do aluno – “um estudante de uma família com maior capital cultural tem 10 vezes mais chances de ingressar no ensino superior do que um estudante de menor nível cultural” – (Tavares, Tavares, Justino & Amaral, 2008: 120).

O quadro teórico encontra-se sintetizado abaixo, onde são apresentados os fatores influenciadores da escolha do curso e instituição de ensino superior:

Ano	Autor(es)	Fatores
1776	Smith	▪ Perspetivas de rendimento
1859	Marx	▪ Perspetivas de rendimento
1958	Mincer	▪ Perspetivas de rendimento ▪ Perspetivas de produtividade
1961	Schultz	▪ Perspetivas de rendimento

1964	Becker	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perspetivas de rendimento ▪ Saúde
1973	Spence	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perspetivas de recrutamento
1973	Arrow	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perspetivas de recrutamento
1981	Murphy*	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Influência de irmãos e amigos ▪ Reputação e custos académicos ▪ Reputação académica
1993	Webb*	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Acreditações ▪ Proximidade ▪ Custos ▪ Comercialização potencial do grau
1993	Chapman*	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Qualidade do corpo docente ▪ Qualidade dos graus ▪ Reputação académica geral
1995	Coccari & Javalgi*	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Qualidade do corpo docente ▪ Programas de graduação ▪ Custo ▪ Variedade de ofertas ▪ Instrução de sala de aula
1995	Kallio*	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Residência (<i>estatuto de residência</i>) ▪ Ambiente académico ▪ Reputação e qualidade da instituição ▪ Diversidade do curso ▪ Tamanho da instituição ▪ Ajuda financeira ▪ Qualidade da educação
1997	Lin*	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Existência de um corpo discente internacional ▪ Instalações e custos ▪ Vida de estudante
2002	Donnellan*	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Contactos pessoais ▪ Influência dos pais ▪ Localização ▪ Vida social ▪ Disponibilidade de vários graus
2002	Soutar & Turner*	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Adequação do curso ▪ Reputação académica ▪ Perspetivas de emprego ▪ Qualidade de ensino
2005	Shanka, Quintal & Taylor*	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Proximidade com o lar ▪ Qualidade / variedade de educação ▪ Custo de vida / aula ▪ Estudo de amigos ▪ Recomendação familiar ▪ Segurança no campus
2005	Holdsworth & Nind*	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Qualidade e flexibilidade das combinações de graduação / curso ▪ Disponibilidade de alojamento

			<ul style="list-style-type: none"> ■ Se é provável que os empregadores recrutem ou não nessa universidade ■ Custos ■ Proximidade espacial com o lar
2005	Malgwi, Howe & Burnaby		<ul style="list-style-type: none"> ■ Interesse do conteúdo académico
2007	Raposo & Alves		<ul style="list-style-type: none"> ■ Probabilidade de ingressão ■ Proximidade geográfica e familiar ■ Custos ■ Recomendações de pais, professores e amigos ■ Amigos e familiares estudam na instituição
2007	Chen		<ul style="list-style-type: none"> ■ Qualidade dos programas ■ Dificuldades na obtenção de um visto
2007	Menon, Saiti & Socratous		<ul style="list-style-type: none"> ■ Situação socioeconómica do aluno ■ Importância da decisão para o aluno ■ Aquisição de informação antes da decisão de escolha da universidade
2008	Tavares, Tavares, Justino & Amaral		<ul style="list-style-type: none"> ■ Género ■ Perspetivas vocacionais e de emprego ■ Nível de capital económico e cultural ■ Nível de habilitação da família ■
2009	Warren & Mills		<ul style="list-style-type: none"> ■ Mentores pagos ■ Apoio na transição para o papel do aluno ■ Suporte nas propinas ■ Flexibilidade instrucional
2010	De Boer, Kolster & Vossensteyn		<ul style="list-style-type: none"> ■ Desenvolvimento pessoal ■ Desenvolvimento de competências disciplinares
2010	Simões & Soares		<ul style="list-style-type: none"> ■ Acesso à informação ■ Proximidade geográfica ■ Reputação académica
2011	Watkins		<ul style="list-style-type: none"> ■ Desafio pessoal ■ Desafio profissional ■ Desenvolvimento profissional ■ Motivação para o conhecimento
2012	Edmonds		<ul style="list-style-type: none"> ■ Fatores pessoais (<i>adaptação indivíduo-curso</i>)
2013	Zahran		<ul style="list-style-type: none"> ■ Desenvolvimento pessoal ■ Desenvolvimento profissional ■ Qualidade de ensino

2013	Ferreira & Loureiro	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Motivação para o conhecimento ▪ Perspetivas de progressão na carreira ▪ Necessidade de formação
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Género ▪ Nível de habilitações dos pais
2015	Smajlovic	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fatores pessoais e profissionais (<i>crescimento profissional e pessoal e aumento da confiança e pensamento crítico no trabalho</i>) ▪ Financiamento ▪ Influência do local de trabalho/gestão (<i>se encorajam, ou não, a decisão dos trabalhadores em estudarem</i>) ▪ Disponibilidade (<i>tempo dispensado pelas Organizações para os alunos dedicarem aos cursos académicos</i>) ▪ Exigências académicas do ensino superior ▪ Necessidade de equilibrar a vida profissional, pessoal e o curso ▪ Presença ou ausência de apoio para o estudo ▪ Barreiras na entrada no mercado ▪ Nível de habilitações dos pais
2016	Burrow, Mairs, Pusey, Bradshaw & Keady	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fatores pessoais e profissionais (<i>crescimento profissional e pessoal e aumento da confiança e pensamento crítico no trabalho</i>) ▪ Financiamento ▪ Influência do local de trabalho/gestão (<i>se encorajam, ou não, a decisão dos trabalhadores em estudarem</i>) ▪ Disponibilidade (<i>tempo dispensado pelas Organizações para os alunos dedicarem aos cursos académicos</i>) ▪ Exigências académicas do ensino superior ▪ Necessidade de equilibrar a vida profissional, pessoal e o curso ▪ Presença ou ausência de apoio para o estudo ▪ Barreiras na entrada no mercado ▪ Nível de habilitações dos pais
2016	Durso, Cunha, Neves & Teixeira	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fatores pessoais e profissionais (<i>crescimento profissional e pessoal e aumento da confiança e pensamento crítico no trabalho</i>) ▪ Financiamento ▪ Influência do local de trabalho/gestão (<i>se encorajam, ou não, a decisão dos trabalhadores em estudarem</i>) ▪ Disponibilidade (<i>tempo dispensado pelas Organizações para os alunos dedicarem aos cursos académicos</i>) ▪ Exigências académicas do ensino superior ▪ Necessidade de equilibrar a vida profissional, pessoal e o curso ▪ Presença ou ausência de apoio para o estudo ▪ Barreiras na entrada no mercado ▪ Nível de habilitações dos pais

*Retirado de Raposo e Alves (2007)

Quadro 1.1. – Quadro teórico

Adicionalmente, podemos organizar os fatores de acordo com a frequência com que estes são mencionados pelos autores, de modo a obter uma visão mais ampla da importância relativa que cada fator tem para a escolha do curso. O quadro de frequência encontra-se na página abaixo:

Categoría	Fator	Autores	% Fator	% Categoría		
Fatores ligados à educação	Qualidade perfeccionada da licenciatura e instituição	Webb (1993) Chapman (1993) Chapman (1993) Chapman (1995) Coccari & Javalgi (1995) Lin (1997) Soutar & Turner (2002) Warren & Mills (2009) Zahran (2013)	11,27			
	Reputação da instituição de ensino superior Murphy (1981)	Webb (1993) Chapman (1993) Chapman (1995) Coccari & Javalgi (1995) Lin (1997) Soutar & Turner (2002) Warren & Mills (2009) Zahran (2013)	7,04			
	Diversidade de cursos e programas	Chapman (1993) Malgwi, Howe & Burnaby (2005) De Boer, Koster & Vossensteyn (2010) Burrow, Mairs, Pusey, Bradshaw & Keady (2016)	Kallio (1995) Coccari & Javalgi (1995) Watkins (2011) Ferreira & Loureiro (2013)	Soutar & Turner (2002) Shanka, Quintal & Taylor (2005) Holdsworth & Nind (2005) Chen (2007)	8,45	
	Interesse no conteúdo académico					
	Desenvolvimento de competências disciplinares					
	Exigências do ensino superior					
	Adequação do curso ao nível individual					
	Acesso à informação					
	Importância atribuída à decisão					
	Recomendações de pais e familiares	Murphy (1981)	Donnellan (2002) Donnellan (2002)	Shanka, Quintal & Taylor (2005) Raposo & alves (2007)	5,63	
Fatores ligados à rede familiar e amigos	Presença de familiares/pares na instituição de ensino superior					
	Nível académico familiar	Smajlović (2015)				
	Corpo discente internacional	Lin (1997)				
	Vida social	Kallio (1995)	Lin (1997)	Domellán (2002)	4,23	
	Custo do ensino superior	Murphy (1981)	Webb (1993) Burrow, Mairs, Pusey, Bradshaw & Keady (2016)	Coccari & Javalgi (1995) Lin (1997)	10	
	Disponibilidade de financiamento e apoio para o estudo					
	Desafio e desenvolvimento pessoal	Vossensteyn (2010)	Watkins (2011)	Zahran (2013)		
	Equilíbrio de vida profissional, pessoal e académica	Bradshaw & Keady (2016) Shanka, Quintal & Taylor (2005)				
	Segurança no campus					
	Desafio e desenvolvimento profissional e progressão de carreira	Tavares, Tavares, Justino & Amaral (2008)	Watkins (2011)	Ferreira & Loureiro (2013)	Durso, Cunha, Neves & Teixeira (2016)	4,23
Fatores de ordem pessoal	Necessidade de formação	Ferreira & Loureiro (2013)				
	Probabilidade de recrutamento e entrada no mercado de trabalho	Webb (1993) Tavares, Tavares, Justino & Amaral (2008)	Holdsworth & Nind (2005)			1,41
	Género					5,63
	Localização da instituição e proximidade com o lar	Webb (1993)	Donnellan (2002)	Holdsworth & Nind (2005) Quintal & Taylor, 2005	Raposo & Alves (2007) Simões & Soares (2010)	8,45
Fatores geográficos	Disponibilidade de alojamento	Holdsworth & Nind (2005)				9,86
						1,41

Quadro 1.2. – Quadro de frequência dos fatores

Analizando o quadro anterior, é possível verificar que existe uma diferença notável entre os fatores. De modo a facilitar a análise dos fatores, estes foram organizados em 4 categorias: fatores ligados à educação, fatores ligados à rede familiar e amigos, fatores de ordem pessoal e fatores geográficos. É possível verificar que, por ordem de frequência, os fatores que mais aparecam influenciar a escolha do curso e instituição são os fatores ligados à educação (com uma frequência de 40,30%), seguidos por fatores ligados à rede familiar e amigos (com uma frequência de 30,56%), sucedidos por fatores de ordem pessoal (com uma frequência de 19,44%), que são seguidos por fatores geográficos (com uma frequência de 9,72%).

Capítulo II. Metodologia

A presente investigação baseia-se num estudo qualitativo que procura identificar as motivações e expectativas que levam um indivíduo a escolher um determinado curso e instituição de ensino superior ao escolherem ingressar no 1º ciclo de ensino superior.

Para o presente estudo, recorremos à entrevista devido às vantagens associadas à escolha do método qualitativo e não do quantitativo; um exemplo, como referido por Cohen, Manion & Morrison (2007: 352), será que a entrevista permite uma recolha de dados mais profunda. Todavia, importa referir que existem também algumas desvantagens, como por exemplo, a tendência do entrevistador à subjetividade e ao preconceito (Cohen, Manion & Morrison, 2007: 352). Tuckman (1999: 248) distingue as principais vantagens e desvantagens das entrevistas e questionários, entre as quais destacamos as seguintes vantagens para as entrevistas: permite oportunidades extensas para personalização, esclarecimento e sondagem das questões e respostas e uma melhor redução dos dados com a codificação das respostas. As maiores limitações das entrevistas em relação a questionários são o número de entrevistados que podem ser alcançados e a confiabilidade geral da análise dos dados.

A seleção dos inquiridos seguiu os seguintes critérios: o estudante deveria estar a frequentar uma licenciatura e esse curso tinha de ser a sua primeira opção.

Cohen, Manion & Morrison (2007: 352) destacam que a caracterização do tipo de entrevista a usar depende da fonte a que recorremos, e distingue o trabalho de autores como: LeCompte & Preissle (1993), Bogdan & Biklen (1992), Lincoln & Guba (1985), Oppenheim (1992); e Patton (1980). Para esta investigação focar-nos-emos no contributo de Patton (1980: 206).

De acordo com Patton (1980: 206), podemos designar o tipo de entrevista aplicado nesta investigação de “Abordagem do guia da entrevista” (*Interview guide approach*) onde os tópicos

e questões a serem cobertos são especificados com antecedência e o entrevistador decide a sequência das perguntas no decorrer da entrevista. Este tipo entrevista permite uma abrangência dos dados e torna a recolha de dados um tanto sistemática para cada respondente. Lacunas lógicas nos dados podem ser antecipadas e fechadas e as entrevistas permanecem bastante conversacionais e situacionais. Todavia, importa reconhecer a existência de algumas limitações, nomeadamente: o facto de tópicos importantes e salientes poderem ser inadvertidamente omitidos; e a flexibilidade do entrevistador na ordem das perguntas pode resultar em respostas substancialmente diferentes, reduzindo assim a comparabilidade das respostas.

Foi aplicado um estudo-piloto para avaliar a percepção das questões e a duração das entrevistas. Concluiu-se que algumas das questões não eram explícitas e procedeu-se a alterações ao guião inicial de modo a poder iniciar à investigação de larga escala.

Para a presente investigação, foi solicitada a participação de 89 licenciandos. O contacto foi feito maioritariamente por LinkedIn, ou parcialmente por contactos pessoais ou dos entrevistados. Dos contactos realizados: 34 não deram resposta à solicitação; 6 indicaram que não estavam interessados em participar na entrevista; 2 aceitaram realizar a entrevista, mas nunca apareceram na reunião; 26 aceitaram, mas não cumpriam os requisitos de licenciatura como 1^a opção, pelo que foram excluídos; 1 aceitou, mas já havia terminado a licenciatura, pelo que foi também excluído. Foram então realizadas 20 entrevistas com sucesso.

De modo a promover o conforto e a honestidade dos entrevistados, o guião e a consequente entrevista são anónimos, existindo somente um conjunto dados demográficos para permitir a análise dos dados. A *Quadro A* sintetiza os dados sociodemográficos da amostra. Dos entrevistados, 70% (n=14) encontrava-se a estudar numa Universidade e 30% (n=6) estudava num Instituto Politécnico. Os alunos que estudavam no ensino universitário estudavam na sua totalidade no distrito de Lisboa e os alunos que estudavam no ensino politécnico estudavam na totalidade no distrito de Setúbal. Em relação às qualificações dos agregados familiares, 10 dos agregados familiares não tinha o ensino superior, 3 tinham uma das figuras paternas/maternas com um ensino superior e 7 tinham ambos as figuras paternas/maternas o ensino superior.

Os dados foram recolhidos através de 20 entrevistas denominadas de Abordagem de Guia da Entrevista (Patton, 1980: 206). As entrevistas duraram entre 00h:20m:19s e 01h:01m:11s. Em média, as entrevistas duraram 00h:35m:53s. O áudio das entrevistas foi gravado, com o conhecimento e autorização dos entrevistados, para permitir uma posterior transcrição das mesmas. Anotações foram tiradas pelo entrevistador na secção correspondente nos guiões de

entrevista. Cada participante foi entrevistado somente uma vez, tendo alguns sido contactados posteriormente por Linkedin para esclarecer dúvidas sobre áudio impercetível. As entrevistas ocorreram num local e data previamente acordados com os entrevistados, de modo a garantir a conveniência para os mesmos. Após a ocorrência da declaração do estado de emergência e a consequente quarentena, as entrevistas passaram a ser realizadas por Skype. Quando o Skype não era possível, recorriamo a chamadas telefónicas. A videochamada era, contudo, sempre preferível para criar uma maior proximidade, e consequente honestidade, com os entrevistados. Foi explicado aos entrevistados o carácter institucional das entrevistas e sublinhada a sua anonimidade antes da marcação da entrevista e novamente antes do seu início. As questões colocadas aos entrevistados abrangiam duas categorias: primeiramente, os dados demográficos dos entrevistados; em seguida, um conjunto de questões sobre o seu percurso académico e profissional, que permitiram esclarecer as motivações e expetativas dos mesmos.

Para o processamento e preparação dos dados, baseámo-nos no contributo de Miles & Huberman (1994).

Numa primeira instância, foram recolhidas durante as entrevistas gravações de áudio e anotações de campo. Procedemos então à redução dos dados, onde os dados brutos são posteriormente processados: as anotações são, na sua maioria, notas sínteses das informações captadas durante as entrevistas, contudo, quando processadas, estimulam a memória do entrevistador, o que permite desenvolver uma redação formal dos acontecimentos do que as simples anotações permitem (Miles & Huberman, 1994: 10-11); as gravações de áudio das entrevistas foram transcritas para texto para facilitar a sua análise.

Seguidamente, passaremos à apresentação dos dados (Miles & Huberman, 1994: 11), que consiste numa organização mais detalhada dos mesmos para permitir uma análise mais profunda. No caso da presente investigação, os dados foram compilados em várias folhas de cálculo de Microsoft Office Excel, o que permitiu a construção de matrizes de dados mais organizados e a consequente criação de figuras que facilitaram a análise.

A última e terceira etapa consiste na elaboração e verificação da conclusão (Miles & Huberman, 1994: 11), onde se começam a fazer relações entre os dados e tirar conclusões dos mesmos. Embora as conclusões não sejam retiradas nesta etapa da investigação, as bases para a conclusão são formadas aqui.

Capítulo III. Análise dos resultados

De modo a tentar perceber o grau de divergência entre o curso escolhido pelos entrevistados e o curso que estes mais desejavam ter escolhido, assim como tentar perceber as razões de escolha do seu curso atual, os entrevistados foram questionados que licenciatura teriam escolhido caso tivessem liberdade total ausente de influências externas. Foi possível concluir que dos 20 entrevistados, 40% (n=8) não se encontrava no curso idealizado.

Quando questionados sobre as razões da escolha do curso atual, os entrevistados demonstraram ser influenciados pelo desejo de desenvolvimento de competências disciplinares, pela procura de adequar o curso à sua pessoa, pelo interesse no conteúdo académico do curso, pelo custo do ensino superior e pela presença de apoio financeiro, pela necessidade de desafio ou desenvolvimento pessoal e pelo gosto pessoal pela área do curso. As respostas mais relevantes encontram-se sintetizadas na *Figura A*.

Os entrevistados foram ainda questionados se achavam que a oferta de emprego (a percepção que os entrevistados têm desta) do seu curso influenciou a escolha. Verificámos que 60% (n=12) considerava que o curso tinha bastante procura, 20% (n=4) considera que tinha muita, apenas 5% (n= 1) considerava que tinha alguma e 10% (n=2) considerava que tinha pouca. Todavia, apesar de acharem que a procura é na sua generalidade alta, podemos indicar ainda que 55% (n=11) entrevistados demonstrou que a procura não influenciou a sua decisão, e que apenas 45% (n=9) demonstrou que sim, tratando-se de uma diferença perto da metade da amostra.

À semelhança da escolha do curso, os entrevistados foram questionados sobre que instituição escolheriam caso a escolha não fosse afetada por nenhum fator externo. Analisando as respostas dos entrevistados, é possível verificar que 40% (n=8) dos entrevistados se encontra a estudar na instituição que desejavam, 15% (n=3) encontra-se a estudar numa das opções de instituição, 35% (n=7) não se encontra a estudar na instituição idealizada e 10% (n=2) não demonstrou preferência por nenhuma instituição.

Foi também possível identificar as principais razões enumeradas pelos entrevistados para a escolha da instituição que consideravam ideal, entre as quais: o facto da instituição ser maior, com mais cursos e com um curso mais especializado na área de interesse; a presença de amigos na instituição; a instituição dar mais privilégio à área de estudo do curso escolhido; querer evitar escolher uma instituição privada, devido ao preço; e, mais importante, referido por vários entrevistados, o prestígio que associam à instituição.

Importa também referir as razões que levaram alguns dos entrevistados a escolher a instituição atual em que se encontram a estudar ao invés da instituição que consideravam ideal. As razões encontram-se sintetizadas por ordem de importância na *Figura B*, entre as quais destacamos a reputação académica, a qualidade associada à instituição, a disponibilidade de alojamento e localização da instituição e as opiniões e recomendações de amigos e familiares. Importa referir ainda que alguns dos entrevistados indicaram que a escolha foi influenciada fortemente pela sua média escolar, que impedia a ingressão na instituição idealizada.

“Eu acho que foi mais pela média que eu tinha e por ter conseguido entrar neste curso.” (ID_11)

Foi questionado aos entrevistados se a escolha da sua licenciatura foi influenciada em primeiro lugar pela escolha da instituição. No geral, podemos concluir que 15% (n=3) dos entrevistados demonstrou ter escolhido o curso em função da instituição, e não vice-versa.

“Eu primeiro escolhi o curso e depois [a instituição].” (ID_10)

Dos três entrevistados cuja escolha da licenciatura foi influenciada pela instituição, dois indicam que primeiro escolheram a instituição e só posteriormente procuraram ver os cursos presentes dentro destas, e um terceiro destacou que a sua prioridade era escolher uma instituição de renome, e que caso existisse o curso que queria noutra instituição de maior renome, teria escolhido essa.

Menon, Saiti & Socratous (2007) destacam a importância da aquisição da informação antes da tomada de decisão. A maioria (85%, n=17) dos entrevistados considerou que teve acesso a todos os meios necessários para tomar uma decisão consciente. Quando questionados sobre os meios que usaram para recolher informação sobre o curso e instituição, os entrevistados destacaram a recolha de informações gerais através da *Internet* como um meio-chave.

“Acho que o meio [mais] importante foi mesmo a Internet.” (ID_10)

Outros meios referidos incluem, mas não se limitam a: referência de pares, o recurso ao *website* da DGES e contacto direto com a instituição.

“Sem dúvida o site da DGES foi muito importante.” (ID_13)

Importa referir que Menon, Saiti & Socratus (2007) destacam ainda que a escolha é influenciada pela importância que o aluno dá à tomada de decisão. Os entrevistados referiram, na sua maioria (80%; n=16), que a tomada de decisão tinha bastante importância para eles.

Contudo, importa referir que alguns entrevistados consideraram que não deram o maior grau de importância à tomada de decisão na altura da escolha. Alguns (15%; n=3) indicaram que deram ‘Muita’ importância, ao invés de bastante, devido ao grau de indecisão quanto à escolha. 5% (n=1) atribuiu “Pouca” importância.

5% (n=1) dos entrevistados assumiu como ‘Bastante’, contudo, revela que na altura não mostrou interesse nos meios para recolher informação para tomar uma decisão racional.

Devemos referir ainda que um dos entrevistados considerou que não temos maturidade suficiente quando terminamos o ensino secundário para tomar uma decisão racional.

A teoria definida por Simões & Soares (2010), dita que o acesso do aluno à informação é um dos principais fatores influenciadores da escolha. Em seguimento disto, os entrevistados foram também questionados se consideravam que tiveram acessos a novas informações desde a tomada de decisão até ao momento, e se consideravam que tomariam outra decisão caso tivessem acesso às mesmas no momento em que escolheram o curso e a instituição. Analisando as respostas dos entrevistados, é possível verificar que embora 35% (n=7) dos entrevistados considerasse que teve acesso a novas informações, nenhum indica que tomaria uma decisão diferente, o que nos leva a deduzir que a recolha de informação é sobreposta por outros fatores.

Os fatores educacionais são os mais referidos pelos autores como os influenciadores da escolha do curso e instituição, e estes dividem-se em várias vertentes. Os entrevistados foram questionados sobre a influência que a qualidade percecionada do curso, da instituição, dos docentes e do ensino tinham para a escolha do curso e instituição (Chapman, 1993; Coccari & Javalgi, 1995; Soutar & Turner, 2002; Coccari & Javalgi, 1995; Lin, 1997; Kallio, 1995; Zahran, 2013; Warren & Mills, 2009; Webb, 1993). Em relação à qualidade percecionada do curso, verificamos que 45% (n=9) entrevistados considerou que este fator influenciou a escolha.

Por seu lado, contrariamente ao fator anteriormente referido, é possível verificar que a qualidade percecionada da instituição já tem um peso considerável na escolha. Foi possível verificar que 70% (n=14) entrevistados demonstrou ter sido influenciados pela qualidade que julgavam associada à instituição.

Por sua vez, quando nos referimos à qualidade percecionada dos docentes e do ensino, vemos que estes fatores não têm o mesmo peso que os fatores anteriormente referidos. 15% (n=3) dos entrevistados se demonstrou influenciado por ambos os fatores se demonstrou influenciado pela qualidade percecionada dos docentes como a qualidade percecionada do ensino

A literatura aponta ainda que a escolha pode ser influenciada pela reputação académica da instituição (Webb, 1993; Soutar & Turner, 2002; Simões & Soares, 2010; Chapman, 1993; Murphy, 1981). No caso dos entrevistados, verificamos que a reputação académica é um fator forte na escolha da instituição e curso, em que 75% (n=15) dos entrevistados se demonstrou influenciado por este fator.

"Já sabia que tinha boa reputação (...), portanto já era uma universidade em que eu já tinha uma boa referência." (ID_07)

"A reputação foi importante na escolha, claro" (ID_19)

Dos 25% (n=5) que não se demonstraram influenciados, podemos referir que dois dos entrevistados ou não conheciam suficientemente a instituição a que concorreram ou não conheciam a sua reputação. 5% (n=1) dos entrevistados, quando ingressou na instituição, acreditava que era uma das piores do país; contudo, importa referir que o entrevistado não considerou que este fator tivesse peso na escolha e que escolheu o curso devido ao gosto pessoal pela área. Outro entrevistado escolheu a instituição porque dava prioridade de ingressão a sub-23 e a moradores locais.

"[Escolhi a instituição] porque vi os requisitos, [e a instituição] [...] dava mais prioridade nos sub-23."(ID_16)

Outro conjunto de entrevistados refere que escolheu a sua instituição atual devido não à sua reputação, mas por ser a universidade pública mais perto do lar ou a única instituição com o curso que procurava, ou ainda a única instituição pública com o curso desejado (contudo, importa referir que não entrou na instituição pública devido à média e teve de optar por uma privada).

Outros fatores que poderão influenciar a escolha: são as diversidade do curso (Kallio, 1995); a oferta académica (Donnellan, 2002); pelos programas de graduação e pela variedade de ofertas (Coccaro & Javalgi, 1995); a qualidade dos programas e graus e a variedade de educação e

flexibilidade das combinações de graduação/curso (Chen, 2007; Chapman, 1993; Shanka, Quintal & Taylor, 2005; Holdsworth & Nind, 2005). Neste âmbito, os entrevistados foram questionados se a sua escolha foi influenciada pela diversidade de cursos e programas académicos. No caso dos entrevistados, 15% (n=3) se revelou influenciado por este fator. Embora este fator não tivesse peso no momento da escolha, 4 dos entrevistados ditaram que o consideram agora. Outro entrevistado ditou igualmente que é preferível escolher uma instituição com uma menor variedade de cursos e programas, uma vez que demonstra especialização na área.

A motivação para o conhecimento (Watkins, 2011; Ferreira & Loureiro, 2013) e o interesse pelo conteúdo académico (Malgwi, Howe & Burnaby, 2005) são apresentados como fatores influenciadores da escolha. Quando questionados se a sua escolha foi influenciada pelo interesse no conteúdo académico ou pela sua motivação para o conhecimento, os entrevistados demonstraram na sua maioria (90%, n=18) que sim.

Um dos entrevistados demonstrou ter sido influenciado pelo gosto, mas apenas parcialmente, uma vez que escolheu um curso mais próximo do que aquele que pretendia, mas que não conseguia ingressar devido à sua média escolar. O condicionamento da escolha devido probabilidade de ingressão no curso e instituição é referido por Raposo & Alves (2007). O aluno afirma não gostar de metade da matéria do curso atual, que não se assemelha ao curso inicialmente pretendido.

*"[Não ingressei] porque eu não tive nota. A parte de biologia é que não [gosto].
Informática [era] é o que eu queria seguir." (ID_09)*

Os entrevistados foram ainda questionados se a sua escolha de curso ou instituição foi influenciada pelas exigências académicas do ensino superior (Burrow, Mairs, Pusey, Bradshaw & Keady, 2016). Na sua totalidade, os entrevistados demonstraram que não.

Em relação ao desenvolvimento de competências disciplinares (De Boer, Kolster & Vossensteyn, 2010), 80% (n=16) dos entrevistados se demonstrou influenciado por este fator no momento da decisão.

Soutar & Turner (2002), defendem que os alunos procuram a adaptação a nível pessoal e académico ao curso que escolhem. Quase todos os entrevistados (95%; n=19), à exceção de um

dos mesmos, demonstra que tentou adequar o curso à sua pessoa quando o escolheu ao ingressar no ensino superior.

Em relação às origens socio-educacionais dos entrevistados, verificamos que as figuras paternas e maternas destes ocupavam maioritariamente o grupo etário entre os 45 e 54 anos. Algumas destas pertenciam aos grupos entre 35 e 44 e entre 55 e 64 e apenas uma figura paterna pertencia ao grupo entre 65 e 74. Na sua quase totalidade, as figuras paternas e maternas dos entrevistados tinham naturalidade e nacionalidade portuguesa com a exceção de uma figura materna, que tinha dupla nacionalidade luso-francesa e de uma figura paterna que tinha dupla nacionalidade luso-angolana. Os entrevistados foram também questionados sobre as habilitações das suas figuras paternas e maternas e verificou-se que 45% (n=18) das figuras paternas e maternas tinha concluído o nível secundário, 27.5% (n=11) tinha concluído a licenciatura, 10% (n=4) tinha finalizado o mestrado e 5% (n=2) tinha concluído o doutoramento. Importa referir ainda que existiam figuras paternas e maternas com níveis abaixo do secundário, sendo que 2.5% (n=1) tinha o 3º ciclo do nível básico, 5% (n=2) tinham o 2º ciclo do ensino básico e 5% (n=2) apresentavam um nível inferior ao mínimo referenciado no Quadro Nacional de Qualificações, tendo estes o 4º ano de escolaridade.

Tavares, Tavares, Justino & Amaral (2008) indicam que o nível de habilitação da família pode também influenciar a escolha. No caso dos entrevistados, não foi um tópico que abordassem muito no geral, contudo, podemos indicar que os entrevistados acreditavam predominantemente que este fator não teve peso na decisão. Todavia, importa referir que o nível de habilitações dos pais dos entrevistados está dividido quase pela metade, uma vez que 42.5 (n=17) dos pais tem o ensino superior e 57.49% (n=23) tinham um nível de habilitação não-superior.

As opiniões de amigos e familiares podem igualmente influenciar a escolha do curso e instituição (Murphy, 1981; Donnellan, 2002; Shanka, Quintal & Taylor, 2005; Raposo & Alves, 2007). No caso dos entrevistados, foi possível verificar que 45% (n=9) dos entrevistados demonstrou ter sido influenciados pelas opiniões e recomendações de familiares.

De forma semelhante, foi possível verificar que as opiniões de amigos e pares, embora sejam importantes para alguns dos entrevistados, 25% (n=5) entrevistados admitiram que a sua escolha foi influenciada por recomendações de amigos.

Para além da opinião de amigos e familiares, foi também colocada a hipótese de que a presença de amigos ou familiares num curso ou instituição pode influenciar a escolha dos alunos (Shanka, Quintal & Taylor, 2005; Raposo & Alves, 2007; Donnellan, 2002). No caso dos

entrevistados, este fator não se mostra como muito relevante, dado que 30% (n=6) entrevistados demonstrou ser influenciado por este critério. Em parte, é possível verificar que em alguns casos, os alunos não tinham conhecimento se os amigos estariam ou não na instituição em que se inscreveram.

Anteriormente, nesta investigação, foi possível identificar os níveis de habilitação das figuras paternas e maternas dos entrevistados na descrição das origens socio-educacionais/profissionais dos mesmos. A teoria indica que o nível de habilitações dos pais de um candidato pode influenciar a decisão para o ensino superior (Smajlovic, 2015; Durso, Cunha, Neves & Teixeira, 2016). No caso dos entrevistados verificámos que 50% (n=10) dos entrevistados se mostrou conscientemente influenciados pelo nível de habilitação das figuras paternas e maternas.

A teoria também propõe que a escolha pode ser influenciada pela presença de um corpo discente internacional na instituição ou curso (Lin, 1997, como citado em Soutar & Turner, 2002). No caso dos entrevistados, 5% (n=1) dos entrevistados procurou ativamente um corpo internacional. Os restantes entrevistados não consideraram este fator na altura da escolha e não consideraram algo de importância relevante para a escolha.

"Sinceramente não [considerei este fator importante]. Não é um indicativo de mais ou menos qualidade no ensino. Uma escola pode ter qualidade sem alunos internacionais." (ID_15)

Outros autores indicam que a escolha pode ainda ser influenciada pela vida social e ambiente académico (Lin, 1997; Donnellan, 2002; Kallio; 1995). 35% (n=7) dos entrevistados se mostrou influenciado por este fator. Um dos entrevistados considerava um fator importante, mas não fundamental para a escolha, enquanto que dois entrevistados não consideravam importante na altura da escolha, mas consideram agora.

A teoria definida aborda a presença de apoio para o estudo, propinas e transição para o papel de aluno como fatores influenciadores da escolha de curso e instituição (Burrow, Mairs, Pusey, Bradshaw & Keady, 2016; Warren & Mills, 2009). No caso dos entrevistados, o custo revela-se como um fator que se destaca na escolha do curso e instituição do ensino superior. A partir da análise das entrevistas, foi possível determinar que 75% (n=15) dos entrevistados considera que a escolha do curso e instituição foi influenciada pelo custo do ensino superior. Podemos também esclarecer o modo como o custo influenciou cada entrevistado, sendo que os entrevistados eram, na sua maioria, influenciados por mais do que um fator. É possível destacar

que 40% (n=8) entrevistados evitou escolher uma instituição privada devido ao seu custo associado.

” Nunca tive em mente [ir para uma instituição privada], mas também não tenho condições. Nem eu nem a minha família temos condições monetárias para pagar as propinas no [ensino] privado. ” (ID_14)

Dos entrevistados, verificamos que 70% (n=14) indicou que tinham apoio dos pais para pagar as propinas. 10% (n=2) dos entrevistados indicaram que estavam dependentes da bolsa de estudo, e 5% (n=1) entrevistado referiu igualmente que se não tivesse apoio financeiro teria de abandonar o ensino superior até conseguir dispor dos meios de o retomar. Os 14 entrevistados referidos anteriormente referem também um dos fatores que aparenta ter mais peso na escolha de um curso ou instituição a nível financeiro: os entrevistados escolheram uma instituição mais financeiramente acessível para evitar sobrecarregar financeiramente os pais.

“Neste momento [se os pais não conseguissem pagar o curso] iria abandonar [a licenciatura], mas ia tentar arranjar um trabalho ou um estágio [...], entretanto, [de modo a poder continuar]” (ID_07)

Contudo, importa referir que 35% (n=7) dos entrevistados que tinha apoio dos pais não consideravam a nível consciente que essa dependência a nível financeiro limitava a escolha do curso e da instituição e, como tal, consideravam que não eram afligidos por este tipo de restrição. Todavia, de acordo com o seu diálogo, foi possível verificar que se tratava efetivamente de mais um fator influenciador da escolha.

Os entrevistados foram questionados se a sua escolha foi influenciada pela presença de apoio financeiro para o estudo. 35% (n=7) revelou que sim. O apoio financeiro refletia-se na necessidade de bolsa de estudo para ingressar no ensino superior (n=1), na necessidade de apoio financeiro para ingressar no ensino superior (n=5) e na necessidade de apoio financeiro para poder escolher uma universidade, sendo que caso contrário, ingressaria antes numa escola profissional para iniciar a sua carreira profissional (n=1).

Os entrevistados foram também questionados se a sua escolha de instituição ou curso seria diferente caso fosse proporcionado o financiamento adequado. Na sua generalidade, os entrevistados responderam que não. 20% (n=4) respondeu que sim, sendo que 2 escolheriam

uma instituição privada, 1 escolheria uma instituição estrangeira e 1 escolheria uma instituição privada ou estrangeira.

Alguns dos entrevistados revelaram que o financiamento é apenas uma das partes da escolha da instituição e do curso. Assim, conseguimos destacar que 20% (n=4) dos entrevistados indicou que o financiamento poderia influenciar a escolha, mas dependeria de outros fatores, como por exemplo, a opinião dos pais e o prestígio da instituição.

Assim, podemos afirmar que as respostas dos entrevistados aparentam estar de acordo com a teoria, na medida em que a escolha é influenciada pelo custo do ensino (Murphy, 1982; Webb, 1993; Coccari & Javalgi, 1995; Lin, 1997; Shanka, Quintal & Taylor, 2005; Holdsworth & Nind, 2005; Raposo & Alves, 2007), pela situação económica do aluno e pela disponibilidade de ajuda financeira (Kallio, 2005).

O desejo de desenvolvimento pessoal (De Boer, Kolster & Vossensteyn, 2010), e o desafio pessoal e (Watkins, 2011; Zahran, 2013) são destacados como fatores influenciadores da escolha do curso e instituição. No caso dos entrevistados, verificámos que em relação à necessidade de desafio e desenvolvimento pessoal 70% (n=14) dos entrevistados se demonstrou influenciado por esta necessidade.

Burrow, Mairs, Pusey, Bradshaw & Keady (2016) destacam a necessidade de equilíbrio entre a vida profissional, pessoal e o curso na escolha de prosseguir para o ensino superior. No caso dos entrevistados, vemos que 95% (n=19) não teve problemas de equilíbrio aquando da escolha de curso e instituição. Contudo, importa referir que um dos entrevistados revelou ter mudado de instituição devido à dificuldade em manter esse equilíbrio.

"Foi na altura do exame. [O equilíbrio entre vida pessoal e profissional] não me correu muito bem. [...] Contribui bastante [para mudar de instituição]." (ID_10)

Shanka, Quintal & Taylor (2005) destacam que a escolha é influenciada pela segurança no campus. Todavia, no caso dos entrevistados, 10% (n=2) dos entrevistados considera a segurança do campus na escolha.

Desconhecia por completo [que era seguro]." (ID_15)

Alguns entrevistados referiram também que a segurança não foi um fator que consideraram, pois, assumiam o país e, consequentemente, o campus, como seguro.

"Eu parto do princípio de que estou num país seguro." (ID_08)

"Assumi que era seguro." (ID_12)

Porém, importa referir que 40% (n=8) dos entrevistados considera que em retrospectiva deveriam ter considerado a segurança do campus antes de escolherem a instituição onde realizar a sua licenciatura. Destes 8, destacamos que 2 dos entrevistados consideram que deveriam ter-se informado devido à opinião dos pais e outro entrevistado passou a reconsiderar a importância deste fator por ter sido assaltado no campus. Importa ainda referir que um dos entrevistados relaciona a segurança do campus com a localização da instituição.

Importa igualmente tentar perceber se a escolha do curso e instituição foi motivada por fatores de carácter profissional. Dos 20 entrevistados, 20% (n=4) se encontrava empregados. Desses 4, apenas 1 se encontra empregado fora da área de formação. Apesar de apenas 4 estarem empregados, 30% (n=6) dos entrevistados já teve oportunidade de aplicar no trabalho ou conhecimentos adquiridos na licenciatura. Dos 4 entrevistados empregados, apenas 1 espera mudanças a nível profissional após conclusão da licenciatura: procurará aplicar novas medidas de gestão de recursos humanos que aprendeu na licenciatura na empresa da sua família onde se encontra atualmente empregada.

Watkins (2011) e Zahran (2013) destacam o desenvolvimento e desafio profissional como fatores influenciadores da escolha da licenciatura e instituição. No caso dos entrevistados, vemos que 35% (n=7) entrevistados se demonstrou influenciado pela necessidade de desafio e desenvolvimento profissional.

"Não, não [procurei satisfazer alguma necessidade de desafio ou desenvolvimento profissional]. [...] O meu grande objetivo era receber dinheiro." (ID_04)

Ferreira & Loureiro (2013), destacam a influência de perspetivas de progressão na carreira e a necessidade de formação. No caso dos entrevistados, em relação às perspetivas vocacionais, de emprego e de progressão na carreira, 45% (n=9) dos entrevistados se demonstrou influenciado por este fator. Um dos entrevistados indicou igualmente que embora não tivesse considerado a progressão na carreira importante na altura da escolha, no presente, já a considera importante.

Em relação à necessidade de formação referida por Ferreira & Loureiro (2013), no caso dos entrevistados verificámos que 45% (n=9) dos entrevistados revelaram-se influenciados por este fator.

A teoria defende ainda que a escolha pode ser influenciada por perspetivas vocacionais e de emprego (Tavares, Tavares, Justino & Amaral, 2008; Soutar & Turner, 2002), pela potencial comercialização do grau (Webb, 1993), pela probabilidade dos empregadores recrutarem na instituição em que o aluno se formou (Holdsworth & Nind, 2005) ou até mesmo pelas barreiras na entrada no mercado (Durso, Cunha, Neves & Teixeira, 2016). Neste âmbito, os entrevistados foram questionados se escolheram o seu curso e instituição devido à sua potencialidade de proporcionar um emprego futuro. No caso dos entrevistados, vemos que a escolha não foi muito influenciada, no geral, pela probabilidade dos empregadores recrutarem um aluno pelo seu curso ou instituição, uma vez que somente 60% (n=12) entrevistados se revelou influenciados por este fator. 5% (n=1) dos entrevistados referiu ainda que não tinha noção do grau de empregabilidade antes de se inscrever no curso.

Dos 4 entrevistados que se encontram empregados, apenas 1 considera que teve apoio por parte dos empregadores para ingressar no ensino superior. Este apoio revelou-se como apoio a nível de propinas, e deve-se ao facto da empresa pertencer aos pais do entrevistado, que se encontrava de momento a trabalhar na empresa destes. O entrevistado indica que não houve apoio da empresa para ingressar no estudo uma vez que o recrutamento e a relação do trabalho e curso ocorreram por coincidência.

Como os restantes entrevistados ingressaram no ensino superior sem o apoio do empregador, podemos considerar que não se trate de um fator definitivo da escolha de prosseguir para o ensino superior nem para escolher um curso ou instituição em particular.

Tavares, Tavares, Justino & Amaral (2008) e Smajlovic (2015) destacam que a escolha do curso e instituição é influenciada pelo sexo dos entrevistados. Embora sejam termos separados, os entrevistados usavam o termo sexo e género de forma intercambiável. Desde modo, não foi feita a distinção entre género e sexo para esta investigação. Quando questionados se tinham considerado o seu próprio sexo na escolha do curso e instituição, a maioria dos entrevistados (80%; n=16) afirmou que não; O mesmo número de entrevistados considera que os papéis tradicionais de género não tiveram influência na escolha do curso e instituição, nem a nível educacional, nem a nível profissional.

Quando os entrevistados consideraram que o sexo influencia a escolha, destacaram que a influência ocorre a um nível subconsciente e a nível social, ao invés do nível individual.

“Está sempre interligado mesmo que uma pessoa queira ou não.” (ID_07)

“As raparigas são mais ligadas sempre à saúde, à educação. (ID_16)

“O homem tem preferência por cargos de gestão, liderança. (ID_15)

De modo a validar as respostas dos entrevistados decidimos comparar o seu sexo com o sexo predominante do seu curso. Para tal, recorremos aos dados presentes na fonte Web: InfoCursos (s.a.). A fonte discrimina dados como a distribuição dos alunos inscritos por nacionalidade, a distribuição por idades dos alunos inscritos no seu curso e, a destacar para a nossa análise, a distribuição dos alunos inscritos por sexo (média nacional). Analisando os dados referentes à distribuição por sexo e comparando essa média nacional ao sexo dos entrevistados, podemos concluir que o sexo predominante do seu curso condizia com o sexo de 17 entrevistados. Foi possível concluir ainda que os alunos de sexo masculino têm preferência por cursos de cariz masculina (“Bastante Masculino”; “Maioritariamente Masculino”). Enquanto que as alunas de sexo feminino estejam inscritas em cursos de maioria feminina, estes cursos apresentam uma distribuição de género mais equilibrada entre os sexos (“Parcialmente Feminino”) [Figura C, Quadro B].

Assim, podemos concluir que o género tem influência na escolha de curso e instituição de ensino superior, conforme ditado por Tavares, Tavares, Justino & Amaral (2008), contudo, importa referir que os alunos de sexo masculino aparentam ser mais influenciados pelo “cariz” sexual do curso do que as alunas de sexo feminino.

Ao analisarmos as respostas dos entrevistados, no que toca à localização da instituição e a proximidade desta com o lar e família do aluno (Donnellan, 2002; Holdsworth & Nind, 2005; Raposo & Alves, 2007; Simões & Soares, 2010; Webb, 1993; Shanka, Quintal & Taylor, 2005), verificamos que 55% (n=11) dos entrevistados demonstrou que teve influência.

“Acho que a privada deste curso que existe é no Porto, mas só que é muito longe de casa e não queria muito, queria estar perto.” (ID_12)

Um dos entrevistados indicou ainda que embora preferisse escolher uma instituição longe do seu local de residência, devido a opiniões familiares (mais especificamente, devido ao facto de

não querer causar saudades à sua mãe), não escolheu uma instituição longe da sua residência. Enquanto que alguns entrevistados preferem instituições perto do seu lar, outros procuram o inverso.

Os entrevistados foram questionados se escolheriam uma instituição que estivesse mais perto do seu lar que as suas instituições atuais. As opiniões divergiram bastante entre os entrevistados. 30% (n=6) entrevistados afirmou que sim. 25% (n=5) entrevistados afirmou que não e 45% (n=9) indicou que dependeria também de outros fatores. Dos entrevistados que indicaram que não, 2 indicaram que se deve ao facto de acreditarem que as instituições de Lisboa têm maior prestígio que as restantes do país (n=2), e os restantes entrevistados indicaram fatores como a preferência pessoal (o dito “gosto”) pela instituição que escolheram (n=2), a restrição financeira para escolher outras instituições além da escolhida (n=1) e ainda condições de ingressão no curso (um dos entrevistados completou o Curso Técnico Superior Profissional, e como tal, não precisaria de exames para entrar na licenciatura na instituição que escolheu).

“Podia [escolher outra instituição] só que não quis ir a exames nacionais.”

(ID_14)

Em relação aos entrevistados que referiram que a escolha dependeria de outros fatores, podemos destacar como ditos fatores o prestígio da instituição a escolher (n=6) e das recomendações sobre a instituição (n=1), assim como poderá depender das ofertas e oportunidades que a instituição disponibiliza a nível académico (n=3) ou até mesmo do tempo de deslocação entre instituição e alojamento (n=1). Um entrevistado referiu ainda que a proximidade com o lar foi um “extra”, mas não algo que procurou ativamente.

À semelhança do ponto anterior, os entrevistados foram também questionados sobre o peso da disponibilidade de alojamento na escolha da instituição e curso, de acordo com a teoria defendida por Holdsworth & Nind (2005). Foi possível auferir que 35% (n=7) entrevistados indicou que sim, 30% (n=6) indicou que não e 35% (n=7) indicou que dependeria igualmente de outros fatores. Dos que indicaram que sim, verificou-se que todos aceitariam estudar longe da sua habitação caso fosse disponibilizado alojamento, sendo que destes 6, 1 indicou que apesar de aceitar estudar longe caso necessário, como tinha o curso que preferia em Lisboa não viu necessidade em estudar longe do seu lar, e 2 recorreram ativamente a alojamento para estudar em Lisboa. Um destes entrevistados é proveniente do arquipélago dos Açores, mas não

demonstrou dificuldades na transição entre o arquipélago e o continente e indicou que sentia que perderia oportunidades académicas e profissionais caso não estudasse no continente.

Entre os entrevistados que indicaram que não, destacamos como principais motivos o facto dos entrevistados considerarem que as instituições que estão mais perto do seu lar (neste caso, em Lisboa) têm um maior prestígio que as restantes (n=3), 1 entrevistado indica que prefere o ambiente da sua área de residência, igualmente localizada em Lisboa, 1 indica que recusaria estudar longe do seu lar e que tem preferência pela proximidade entre este e a instituição e 1 indicou que não conseguiria estudar muito longe do seu lar uma vez que iria perder o contacto habitual com a família.

Importa ainda referir os fatores dos entrevistados que indicaram que a disponibilidade de alojamento poderia influenciar a escolha, mas que dependeria ainda de outros fatores. Estes fatores refletem-se em fatores financeiros (um entrevistado indica que dependeria se, para além do alojamento, outras despesas fossem igualmente cobertas; outro entrevistado indica que dependeria da disponibilidade de bolsa de estudo), fatores educacionais (1 entrevistado indica que dependeria da oferta de curso da nova instituição; outro indica que dependeria do plano de estudos da mesma; um outro entrevistado indica ainda que dependeria da taxa de aprovação dos estudantes da instituição em questão). Um entrevistado indicou que poderia escolher uma instituição mais longe do lar, caso fosse disponibilizado o alojamento, contudo, indica que a probabilidade de o fazer era mínima por ser muito ligado à família, pelo que preferia não estudar longe do seu lar. Um outro entrevistado referiu ainda que dependeria do tempo de deslocação entre instituição escolhida e o alojamento, uma vez que o tempo perdido em transportes se refletiria em tempo de estudo perdido.

"O tempo que levava de viagem, era o tempo que eu ia perder em estudo."

(ID_16)

Importa referir que a teoria aponta igualmente para a residência no país (Kallio, 1995) e para dificuldades na obtenção de um visto (Chen, 2007) como fatores influenciadores da escolha do curso e instituição, contudo, estes fatores não foram possíveis de avaliar com a amostra da presente investigação, dado que dos 20 entrevistados, apenas 1 (5%) tinha nacionalidade estrangeira (brasileira), e o entrevistado não indicou dificuldades desta natureza na escolha do curso e instituição, referindo ainda que está no processo de obter nacionalidade portuguesa.

Durante a entrevista, também foi possível identificar alguns outros fatores enumerados pelos entrevistados como importantes para a escolha final que não foram mencionados pela teoria definida. Estes fatores têm carácter: geográfico (horários dos transportes públicos e acesso aos mesmos entre a instituição e o lar); educacionais (o grau de aproveitamento dos alunos na instituição, o facto da instituição ser a única com a licenciatura pretendida e a acessibilidade das instalações para alunos com mobilidade reduzida); e profissionais (saídas profissionais e o ordenado base da área para recém-licenciados).

Capítulo IV. Discussão dos resultados

Não existe um só fator que seja responsável pela escolha de um curso ou instituição do ensino superior; a escolha destes é sempre influenciada por vários fatores como os que foram enumerados ao longo desta investigação. O que pretendemos fazer foi sintetizar quais os fatores que efetivamente têm um maior peso na decisão de escolher um curso ou instituição de ensino superior. De modo a sintetizar os resultados obtidos ao longo da investigação, as respostas dos entrevistados foram compiladas de acordo com a influência do fator na escolha do aluno, com a frequência com que o fator é referido pelos autores e a percentagem total da influência que determinado fator tem para a escolha quando comparado com os restantes fatores. O quadro encontra-se na página abaixo:

Categoría	Fator	% Influencia nos entrevistados (questões)	% Influencia nos entrevistados (Total)	% Autores	% Categoría (entrevistados)	% Categoría (Autores)
Fatores ligados à educação	Qualidade percecionada da licenciatura e insituição*	36,25 (n=7,25)	2,86	11,27		
	Reputação da instituição de ensino superior	75 (n=15)	5,92	7,04		
	Diversidade de cursos e programas	15 (n=3)	1,18	8,45		
	Interesse no conteúdo académico	90 (n=18)	7,11	4,23		
	Desenvolvimento de competências disciplinares	80 (n=16)	6,32	1,41	45,61	40,30
	Exigências do ensino superior	0 (n=0)	0,00	1,41		
	Adequação do curso ao nível individual	95 (n=19)	7,50	1,41		
	Acesso à informação	85 (n=17)	6,71	2,82		
Fatores ligados à rede familiar e amigos	Importância atribuída à decisão	80 (n=16)	6,42	1,41		
	Probabilidade de ingressão	20 (n=4)	1,58	1,41		
	Recomendações de pares e familiares*	45 (n=9)	3,55	5,63		
	Presença de familiares/pares na instituição de ensino superior	30 (n=6)	2,37	4,23		
	Nível académico familiar	50 (n=10)	3,95	2,82		
	Corpo discente internacional	5 (n=1)	0,39	1,41	24,48	30,56
	Vida social	35 (n=7)	2,76	4,23		
	Custo do ensino superior	75 (n=15)	5,92	9,86		
Fatores de ordem pessoal	Disponibilidade de financiamento e apoio para o estudo	70 (n=14)	5,53	2,82		
	Desafio e desenvolvimento pessoal	70 (n=14)	5,53	4,23		
	Equilíbrio de vida profissional, pessoal e académica	5 (n=1)	0,39	1,41		
	Segurança no campus	10 (n=2)	0,79	1,41		
	Desafio e desenvolvimento profissional e progressão de carreira*	45 (n=9)	3,55	5,63	20,14	19,44
	Necessidade de formação	45 (n=9)	3,55	1,41		
	Probabilidade de recrutamento e entrada no mercado de trabalho	60 (n=12)	4,74	2,82		
	Género**	20 (n=4)	1,58	2,82		
Fatores geográficos	Localização da Instituição e proximidade com o lar	55 (n=11)	4,34	8,45	9,87	9,72
	Disponibilidade de alojamento	70 (n=14)	5,53	1,41		

*Fator composto

**Baseado na crença consciente dos entrevistados

Quadro 4.1. – Quadro síntese dos resultados

O *Quadro 4.1.* é baseado no *Quadro 1.2.* para facilitar a comparação entre os mesmos. De notar que no *Quadro 4.1.* o fator género diz respeito à crença dos entrevistados sobre a influência do seu género na escolha do curso e não à comparação entre os dados obtidos do Website InfoCursos e as respostas dos entrevistados. Existe ainda respostas que foram compostas num só fator para facilitar a comparação; estas respostas dizem respeito à qualidade percecionada da licenciatura e instituição (composta pela percepção da qualidade da instituição, da licenciatura, dos docentes e do ensino); às recomendações de pares e familiares (composta por opiniões e recomendações familiares e pares respetivamente); e desafio e desenvolvimento profissional e progressão de carreira (composto pelo desejo de desafio e desenvolvimento profissional e progressão de carreira respetivamente).

De notar que a ordem do grau de influência das categorias na escolha final do aluno permanece inalterada, contudo, o grau de influência que cada fator individual exerce (e a consequente percentagem total das categorias) mudou.

Em relação aos fatores ligados à educação, podemos verificar que existiu uma grande alteração no peso que cada fator tem para a decisão final do aluno. O peso da qualidade percecionada da licenciatura e da instituição desceu consideravelmente de 11,27% para 2,86%; de notar que parte desta descida se deve também ao facto dos entrevistados não acharem que a qualidade do ensino e dos docentes tenha peso na escolha. O peso da reputação da instituição baixou ligeiramente de 7,04% para 5,92%, contudo esta descida foi suficiente para tornar este fator em apenas o 6º mais importante (de um total de 9) da categoria. Seguidamente, devemos referir que o peso da diversidade de cursos e programas teve também uma descida notável de 8,45% para 1,18%, tornando-se o 2º fator com menos peso para a decisão da categoria. Essa cotação é somente ultrapassada pela descida do peso das exigências do ensino superior, que desceu de 1,41% para 0%, dado que nenhum entrevistado se demonstrou afetado por este fator no momento da escolha; trata-se do único fator que os entrevistados não consideram que influenciasse a decisão. Em seguida, devemos referir o notável aumento de 4,23% para 7,11% do peso do interesse no conteúdo académico na escolha, do peso do desenvolvimento de competências disciplinares de 1,41% para 6,32%, e do peso da adequação do curso ao nível individual de 1,41% para 7,50%. Em relação à tomada de decisão em si, os entrevistados destacaram que tiveram maioritariamente acesso a todos os meios para tomar a decisão (o que causou um aumento do peso de 2,82% para 6,71%) e que atribuíram, na sua maioria, a maior importância possível à tomada de decisão (o que por si levou ao aumento do peso de 1,41%

para 6,42%). A probabilidade de ingressão no curso sofreu igualmente uma alteração, subindo de 1,41% para 1,58%.

Sobre os fatores ligados à rede familiar e amigos, a maior parte do peso dos fatores na escolha desceu com a exceção do peso do nível académico da família do estudante (que subiu de 2,82% para 3.95%) e do peso da disponibilidade de financiamento e apoio para o estudo (subiu de 2,82% para 5.53%). As recomendações de pares e familiares não têm tanto peso na decisão como inicialmente definido por autores (desceu de 5,63% para 3,55%), assim como a presença de familiares/pares na instituição de ensino superior (que desceu de 4,23% para 2,37%). A presença de um corpo discente internacional na instituição teve uma descida de 1,41% para 0,39%, tornando este fator muito pouco significante na escolha final do aluno. A peso da vida social também desceu notoriamente de 4,23% para 2,76%. Seguidamente, importa ainda referir que o custo do ensino superior também sofreu uma perda notória do seu peso na decisão final (desceu de 9,86% para 5,92%); contudo importa referir que grande parte desta descida se deve ao facto dos estudantes terem apoio e suporte nas propinas, visível no aumento do peso de 2,82% para 5,53%; combinados, estes dois fatores de cariz financeiro carregam uma forte influência na decisão do aluno.

No que diz respeito aos fatores de ordem pessoal, podemos afirmar que a mudança da percentagem do peso dos fatores na decisão já foi mais igualitariamente distribuída, existindo um número quase igual de fatores que ganharam e perderam percentagem do peso na escolha do aluno. Os fatores cujo peso aumentou de percentagem foram o desejo de desafio e desenvolvimento pessoal (que aumentou de 4,23% para 5,53%), a necessidade de formação (que aumentou de 1,41% para 3,55%) e a probabilidade de recrutamento da licenciatura escolhida e entrada no mercado de trabalho (que aumentou de 2,82% para 4,74%). Os que sofreram uma diminuição da percentagem foram o desejo de equilíbrio de vida profissional, pessoal e académica (que baixou de 1,41% para 0,39%), a segurança percecionada do campus (que baixou de 1,41% para 0,79%), o desejo de desafio e desenvolvimento profissional e progressão de carreira (que baixou de 5,63% para 3,55%) e o género do aluno (que desceu de 2,82% para 1,58%).

Em relação à última categoria, fatores geográficos, verificamos que a localização da instituição e a proximidade com o lar perdeu consideravelmente peso na escolha do aluno em comparação à percentagem ditada pelos autores (desceu de 8,45% para 4,34%). Em contrapartida, os entrevistados têm uma maior predisposição para escolher uma determinada instituição se for

disponibilizado alojamento, mesmo que esta instituição esteja situada mais longe do lar (a percentagem subiu consideravelmente de 1,41% para 5,53%).

Conclusão

A presente investigação permitiu esclarecer os fatores determinantes da escolha de uma licenciatura e instituição de ensino superior comparando os dados obtidos dos entrevistados com os dados recolhidos da teoria definida.

Foi possível definir que a escolha não é somente influenciada pela procura de maximização de benefícios e minimização de perdas, mas antes, esta é influenciada por um conjunto de fatores de forma simultânea, mas com graus diferentes de influência. Estes fatores estão ligados à educação, à rede familiar e de amigos ou podem ter cariz pessoal ou geográfico.

Podemos assim afirmar que os fatores mais importantes para a escolha (com uma percentagem de peso na escolha igual ou superior a 6%), de acordo com os fatores definidos pela teoria, são o desejo de adequação do curso ao nível individual, o interesse no conteúdo académico, o acesso à informação, a importância atribuída pelo aluno à decisão, o desejo de desenvolvimento de competências disciplinares. Outros fatores importantes a destacar (com uma percentagem de peso na escolha de 5,92%) são a reputação da instituição de ensino superior e o custo do ensino superior; todos estes fatores são fatores ligados à educação, com a exceção do custo do ensino superior, que se revela como um fator ligado à rede familiar e amigos. Contrariamente, podemos afirmar que os fatores com menos importância (com uma percentagem de peso na escolha menor ou igual a 1%) são a probabilidade de ingressão, o género, a diversidade de cursos e programas, a segurança percecionada no campus, a existência de um corpo discente internacional, o desejo de equilíbrio de vida profissional, pessoal e académica e as exigências do ensino superior; estes fatores abrangem várias categorias: fatores de ordem pessoal, ligados à educação e ligados à rede familiar e amigos. Em relação à probabilidade de ingressão, uma análise mais profunda seria necessária para avaliar se as respostas dos entrevistados estão a ser afetadas por deseabilidade social ou se idealizaram cursos de acordo com a sua média de conclusão do ensino secundário.

Destacamos ainda como fatores não mencionados pela teoria mas referidos pelos entrevistados: os horários dos transportes públicos; o acesso aos transportes públicos entre a instituição e o lar do aluno; o grau de aproveitamento dos alunos na instituição; a acessibilidade das instalações para alunos com mobilidade reduzida; as saídas profissionais da licenciatura; o ordenado base da área para recém-licenciados; o facto da instituição ser a única com a licenciatura pretendida;

e o método de acesso ao ensino superior (no caso dos entrevistados, a preferência pelo sub-23). Todavia, importa notar que como cada fator foi apenas mencionado uma vez por um respetivo entrevistado (com a exceção do facto da instituição ser a única com a licenciatura pretendida, que foi mencionado por 3 entrevistados), notamos que estes fatores não têm muito peso na decisão. Contudo, podemos afirmar que se tratam de fatores que poderão influenciar investigação futura sobre o tema de modo a aprofundar a questão da escolha da licenciatura e instituição de ensino superior.

Identificados os fatores, as instituições de ensino superior e as entidades responsáveis poderão construir novas ofertas de acordo com os fatores que efetivamente influenciam a escolha de um curso de ensino superior. Entidades públicas e responsáveis por definições de políticas públicas na área da educação poderão igualmente desenvolver medidas com base nesta investigação, como por exemplo: medidas que valorizam o desenvolvimento do conteúdo académico lecionado no vários cursos (em particular, naqueles que apresentam uma menor procura por parte dos estudantes); e medidas que promovam o acesso ao ensino superior, nomeadamente no que diz respeito a ajuda nas propinas, divulgação de bolsas de estudo e comparticipação dos custos do ensino superior de modo a mitigar o fator económico relacionado com estes custos.

Contudo, importa referir ainda que esta investigação apresenta limitações, nomeadamente a nível do tamanho da amostra e da limitação geográfica da mesma, o que poderá não refletir os mesmos graus de influência nem os mesmos fatores caso se tratasse de uma amostra mais ampla e diversa. No futuro, o ideal seria recolher uma amostra mais ampla e com uma maior diversidade de licenciaturas e, especialmente, instituições.

De notar que esta investigação não acrescenta muitos novos fatores em particular que influenciam a escolha quando comparada com a teoria já definida, contudo, esta delimita a relação que cada categoria de fatores tem para a escolha final do aluno.

Referências bibliográficas

- Almeida, Leandro e Rosa Vasconcelos (2008), “Ensino superior em Portugal: décadas de profundas exigências e transformações”, *Innovación Educativa*, (18), pp.23-34.
- Arrow, Kenneth (1973), “Higher education as a filter”, *Journal of Public Economics*, II (3), pp.193-216.
- Becker, Gary (1994), *Human capital: a theoretical and empirical analysis, with special reference to education*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Bogdan, Robert e Sari Biklen (1992), *Qualitative Research for Education (second edition)*, Boston, MA.
- Burrow, Simon, Hillary Mairs, Helen Pusey, Timothy Bradshaw e John Keady (2016), “Continuing professional education: motivations and experiences of health and social care professional’s part-time study in higher education. A qualitative literature review”, *International Journal of Nursing Studies*, (63), pp.139-145.
- Cabrito, Belmiro (2011), “O ensino superior em Portugal: Percursos contraditórios [Higher education in Portugal: Contradictory trends]”, *Educativa*, XIV (2), pp.209-227.
- Chapman, Randall (1993), “Non simultaneous relative performance analysis: Meta-analysis from 80 college choice surveys with 55,276 respondents”, *Journal of Marketing for Higher Education*, IV (1/2), pp.405-422.
- Chen, Liang-Hsuan (2007), “Choosing Canadian graduate schools from afar: East Asian students’ perspectives”, *Higher Education*, (54), pp.759-780.
- Choy, Looi (2014), “The strengths and weaknesses of research methodology: comparison and complimentary between qualitative and quantitative approaches”, *IOSR Journal of Humanities and Social Science*, XIX (4), pp.99-104.
- Coccaro, Ronald e Rajshekhar Javalgi (1995), “Analysis of students' needs in selecting a college or university in a changing environment”, *Journal of Marketing for Higher Education*, VI (2), pp.27-39.
- Cohen, Louis, Lawrence Manion e Keith Morrison (2007), *Research methods in education*, Londres, Routledge.
- De Boer, Harry, Renze Kolster, e Hans Vossensteyn (2010), “Motives underlying Bachelors–Masters transitions: the case of Dutch degree stackers”, *Higher Education Policy*, (23), pp.381-396.
- Donnellan, John (2002), *The impact of marketer controlled factors on college-choice decisions by students at a public research university*, Dissertação de Doutoramento em Educação, Amherst, University of Massachusetts Amherst.
- Durso, Samuel, Jacqueline Cunha, Patrícia Neves e Joana Teixeira (2016), “Motivational factors for the master’s degree: A comparison between students in accounting and economics in the

light of the self-determination theory”, *Revista Contabilidade & Finanças*, XXVII (71), pp.243-258.

Edmonds, Jill (2012), *Factors influencing choice of college major: what really makes a difference?*, Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar, Nova Jérsia, Rowan University.

Ferreira, Manuela e Cândida Loureiro (2013), “Motivos para a procura de mestrados: estudo exploratório com enfermeiros”, *Revista de Enfermagem Referência*, III (9), pp.67-74.

Fisher, Irving (1906), *The nature of capital and income*, Nova Iorque, The Macmillan Company.

Holdsworth, David e Derek Nind (2005), “Choice modelling New Zealand high school seniors’ preferences for university education”, *Journal of Marketing for Higher Education*, XV (2), pp.81-104.

InfoCursos. (s.a.), *Dados e Estatísticas de Cursos Superiores*, obtido de InfoCursos a 25 de maio de 2020: <http://infocursos.mec.pt/>

Kallio, Ruth (1995), “Factors influencing the college choice decisions of graduate students”, *Research in Higher Education*, XXXVI (1), pp.109-125.

LeCompte, Margaret e Judith Preissle (1993), *Ethnography and qualitative design in educational research (second edition)*, Londres, Academic Press.

Lin, Lily (1997), “What are student education and educational related needs?”, *Marketing and Research Today*, XXV (3), pp.199-212.

Lincoln, Yvonna e Egon Guba (1985), *Naturalistic inquiry*, Beverly Hills, CA, Sage Publications.

Malgwi, Charles, Martha Howe e Priscilla Burnaby (2005), “Influences on students’ choice of college major”, *Journal of Education for Business*, LXXX (5), pp.275-282.

Marshall, Alfred (1930), *Principles of economic*, 8º Edição, Londres, App. E.

Marx, Karl (1859), *A contribution to the critique of political economy*, Moscovo, Progress Publishers.

Menon, Maria, Anna Saiti e Michalis Socratous (2007), “Rationality, information search and choice in higher education: evidence from Greece”, *Higher Education*, (54), pp.705-721.

Miles, Matthew e Michael Huberman (1994), *Qualitative data analysis: second edition*, Arizona, Sage Publications.

Mincer, Jacob (1958), “Investment in human capital and personal income distribution”, *Journal of Political Economy*, University of Chicago Press, LXVI, pp.281.

Murphy, Patrick (1981), “Consumer buying roles in college choice: parents’ and students’ perceptions”, *College and University*, LVI (2), pp.140-150.

Oppenheim, Abraham (1992), *Questionnaire design, interviewing and attitude measurement*, Londres, Pinter.

- Patton, Michael (1980), *Qualitative evaluation methods*, Beverly Hills, CA, Sage Publications.
- Raposo, Mario & Helena Alves (2007), *A model of university choice: an exploratory approach*.
- Schultz, Theodore (1961), “Investment in human capital”, *The American Economic Review*, (51), pp.1-17.
- Shanka, Tekle, Vanessa Quintal e Ruth Taylor (2005), “Factors influencing international students' choice of an education destination - a correspondence analysis”, *Journal of Marketing for Higher Education*, XV (2), pp.31-46.
- Simões, Cláudia e Ana Soares (2010), “Applying to higher education: information sources and choice factors”, *Studies in Higher Education*, XXXV (4), pp.371-389.
- Smajlovic, Ermina (2015), “Choosing higher education: research of student behaviours and opinions that influence choice of higher education institutions in Bosnia and Herzegovina”, *International Journal of Commerce and Management*, III, pp.356-366.
- Smith, Adam (1776), “An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations”, editado por Sávio Marcelo Soares, *Metalibri Digital Library*, 29 de maio de 2007.
- Disponível em: https://www.ibiblio.org/ml/libri/s/SmithA_WealthNations_p.pdf
- Soutar, Geoffrey e Julia Turner (2002), “Students' preferences for university: A conjoint analysis”, *The International Journal of Education Management*, XVI (1), pp.40-45.
- Spence, Michael (1973), “Job market signaling”, *Quarterly Journal of Economics*, LXXXVII (3), pp.355-374.
- Tavares, Diana, Orlando Tavares, Elsa Justino e Alberto Amaral (2008), “Students preferences and needs in Portuguese higher education”, *European Journal of Education*, XLIII (1), pp.107-122.
- Tuckman, Bruce (1999), *Conducting educational research, fifth edition*, Nova Iorque, Harcourt Brace & Company.
- Von Thünen, Johann (1875), *Der Isolierte Staat*, 3^a Edição, Volume 2, Parte 2, traduzido por Berthold Frank Hoselitz, reproduzido pelo The Center for Comparative Education da Universidade de Chicago, pp.140-52.
- Warren, Joan e Maryetta Mills (2009), “Motivating registered nurses to return for an advanced degree”, *Journal of Continuing Education in Nursing*, (40), pp.200-207.
- Watkins, Dianne (2011), “Motivation and expectations of German and British nurses embarking on a Masters programme”, *Nurse Education Today*, XXXI (1), pp.31-35.
- Webb, Marion (1993), “Variables influencing graduate business students' college selections”, *College and University*, (68), pp.38-46.
- Zahran, Zainab (2013), “Master's level education in Jordan: a qualitative study of key motivational factors and perceived impact on practice”, *Nurse Education Today*, XXXIII (9), pp.1051-1056.

Apêndices

Quadros

ID	Idade	Género	Habilidades da figura paterna	Nível QNQ da figura paterna	Habilidades da figura materna	Nível QNQ da figura materna
ID_01	22	Feminino	12º Ano	4	12º Ano	4
ID_02	26	Masculino	4º Ano	0	12º Ano	4
ID_03	21	Feminino	6º Ano	1	12º Ano	4
ID_04	20	Feminino	Licenciatura Pré-Bolonha	6	12º Ano	4
ID_05	18	Feminino	Licenciatura	6	Licenciatura	6
ID_06	20	Feminino	Doutoramento	8	Licenciatura	6
ID_07	21	Feminino	Mestrado	7	Mestrado	7
ID_08	21	Masculino	12º Ano	4	6º Ano	1
ID_09	20	Masculino	Licenciatura	6	12º Ano	4
ID_10	20	Masculino	Licenciatura	6	Licenciatura	6
ID_11	20	Masculino	9º Ano	2	12º Ano	4
ID_12	21	Feminino	Licenciatura	6	Licenciatura	6
ID_13	19	Masculino	Mestrado	7	Licenciatura	6
ID_14	22	Masculino	12º Ano	4	Licenciatura	6
ID_15	20	Masculino	Mestrado	7	Doutoramento	8
ID_16	25	Masculino	12º Ano	4	12º Ano	4
ID_17	20	Feminino	12º Ano	4	12º Ano	4
ID_18	21	Feminino	12º Ano	4	12º Ano	4
ID_19	18	Feminino	12º Ano	4	12º Ano	4
ID_20	19	Feminino	12º Ano	4	4º Ano	0

Quadro A - Caracterização sociodemográfica

ID	Género	Média da instituição de alunos masculinos inscritos (ano letivo 2017/18)	Média da instituição de alunas femininas inscritas (ano letivo 2017/18)	Género predominante na área	Género predominante condiz com género de entrevistado?
ID_01	Feminino	22%	78%	Bastante Feminino	Sim
ID_02	Masculino	90%	10%	Bastante Masculino	Sim
ID_03	Feminino	9%	91%	Maioritariamente Feminino	Sim
ID_04	Feminino	33%	67%	Parcialmente Feminino	Sim
ID_05	Feminino	36%	64%	Parcialmente Feminino	Sim
ID_06	Feminino	62%	38%	Parcialmente Masculino	Não
ID_07	Feminino	20%	80%	Bastante Feminino	Sim
ID_08	Masculino	62%	38%	Parcialmente Masculino	Sim
ID_09	Masculino	74%	26%	Bastante Masculino	Sim
ID_10	Masculino	95%	5%	Maioritariamente Masculino	Sim
ID_11	Masculino	85%	15%	Bastante Masculino	Sim
ID_12	Feminino	69%	31%	Parcialmente Masculino	Não
ID_13	Masculino	36%	64%	Parcialmente Feminino	Não
ID_14	Masculino	97%	7%	Maioritariamente Masculino	Sim
ID_15	Masculino	48%	52%	Divisão Igualitária	Sim
ID_16	Masculino	95%	5%	Maioritariamente Masculino	Sim
ID_17	Feminino	36%	64%	Parcialmente Feminino	Sim
ID_18	Feminino	37%	63%	Parcialmente Feminino	Sim
ID_19	Feminino	36%	64%	Parcialmente Feminino	Sim
ID_20	Feminino	37%	63%	Parcialmente Feminino	Sim

Escala				
	Feminina	Min.	Max.	Masculina
Divisão Igualitária	41	60	60	Divisão Igualitária
Parcialmente Feminino	61	70	70	Parcialmente Masculino
Bastante Feminino	71	90	90	Bastante Masculino
Maioritariamente Feminino	91	100	100	Maioritariamente Masculino

Quadro B – Género predominante no curso

ID	Licenciatura atual	Licenciatura ideal	Licenciatura ideal e escolhida coincidem?	Instituição ideal e escolhida coincidem?
ID_01	Gestão de Recursos Humanos	Medicina	Não	Não
ID_02	Engenharia informática	Engenharia Informática	Sim	Sim
ID_03	Serviço Social	Serviço Social	Sim	Não
ID_04	Sociologia	Medicina	Não	Sim
ID_05	Gestão de Recursos Humanos	Gestão de Recursos Humanos	Sim	É uma das Opções
ID_06	Gestão Industrial e Logística	Medicina / Design / Design e Arquitetura	Não	Não distinguiu instituições em particular
ID_07	Psicologia	Psicologia	Sim	É uma das opções
ID_08	Economia	Economia	Sim	É uma das opções
ID_09	Bioinformática	Engenharia informática	Não	Não distinguiu instituições em particular
ID_10	Engenharia Mecânica	Engenharia Aeroespacial	Não	Não
ID_11	Engenharia telecomunicações e informática	Engenharia Informática	Não	Não
ID_12	Informática e Gestão de Empresas	Gestão	Não	Sim
ID_13	Gestão de Recursos Humanos	Gestão de Recursos Humanos	Sim	Sim
ID_14	Engenharia Eletrotécnica e de Computadores	Engenharia Eletrotécnica e de Computadores	Sim	Sim
ID_15	Gestão	Gestão	Sim	Não
ID_16	Engenharia Mecânica	Engenharia Mecânica	Sim	Não
ID_17	Gestão de Recursos Humanos	Gestão de Recursos Humanos	Sim	Sim
ID_18	Gestão de Marketing	Gestão de Marketing	Sim	Não
ID_19	Gestão de Recursos Humanos	Medicina Dentária	Não	Sim
ID_20	Gestão de Marketing	Gestão de Marketing	Sim	Sim

Quadro C – Licenciatura e instituição atual vs. ideal

Figuras

Principais razões de escolha do curso Atual

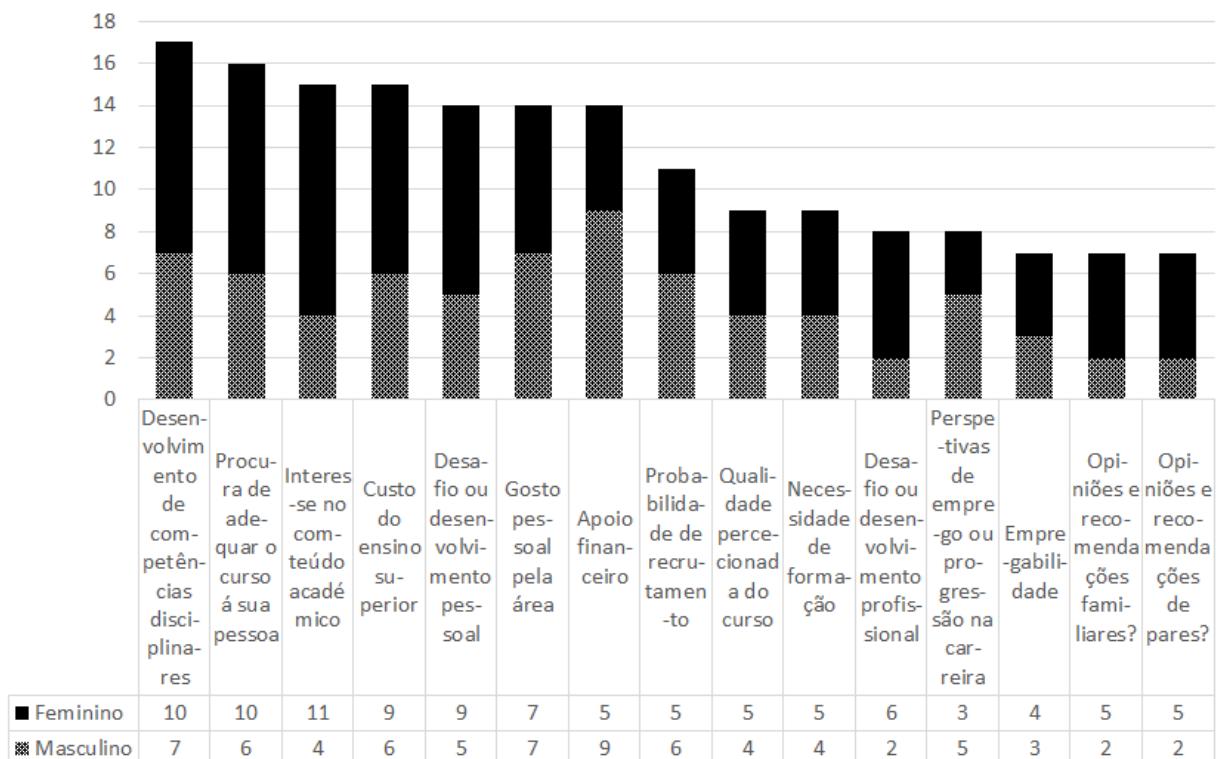


Figura A – Principais razões de escolha do curso atual

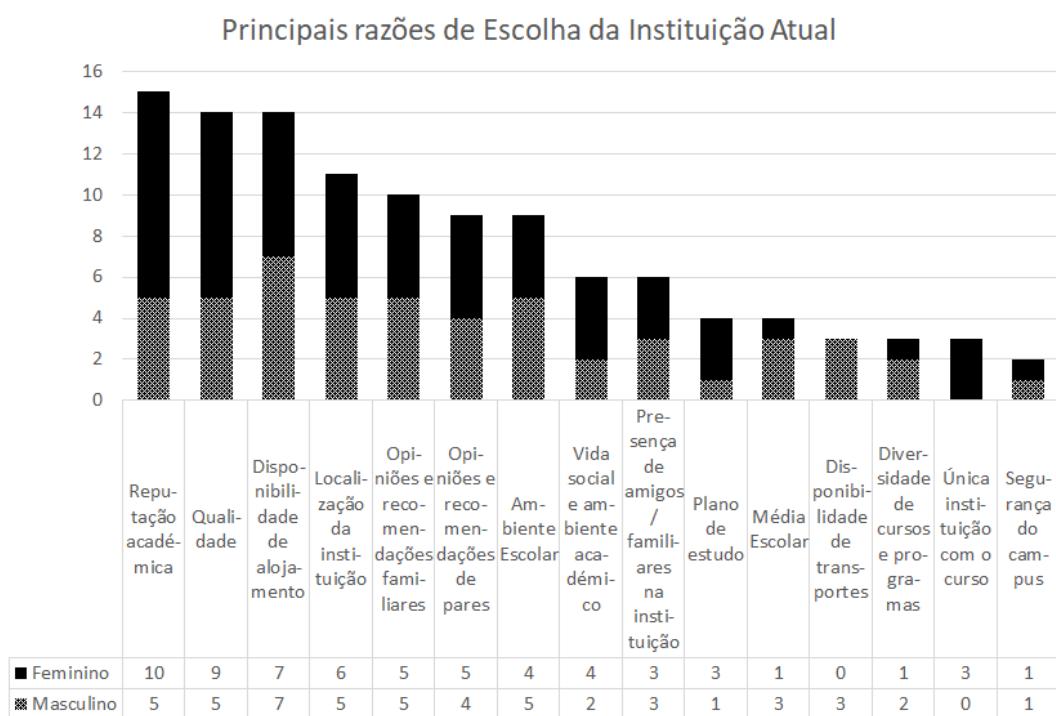


Figura B – Principais razões de escolha da instituição atual

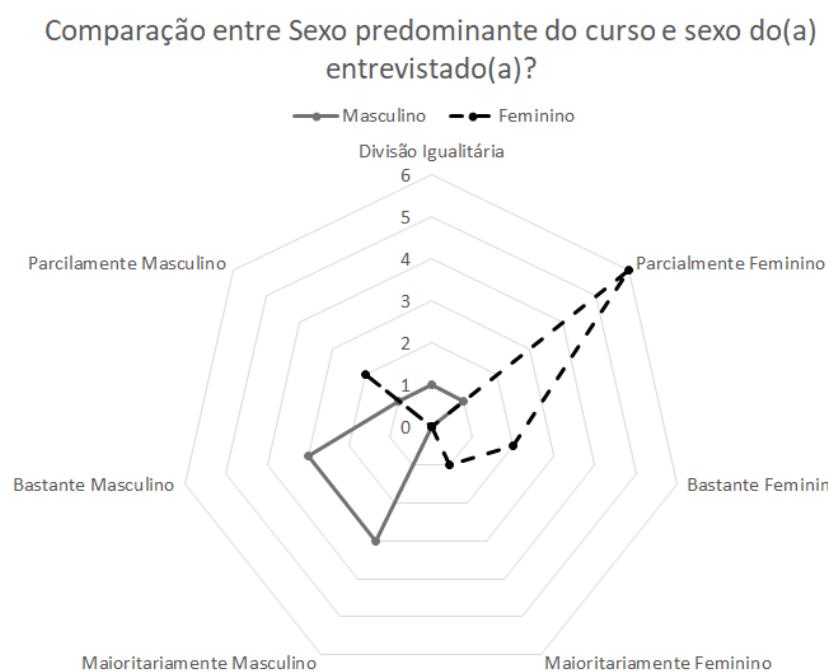


Figura C – Sexo do entrevistado Vs. Sexo predominante no curso

Que meios usou para tomar a decisão?

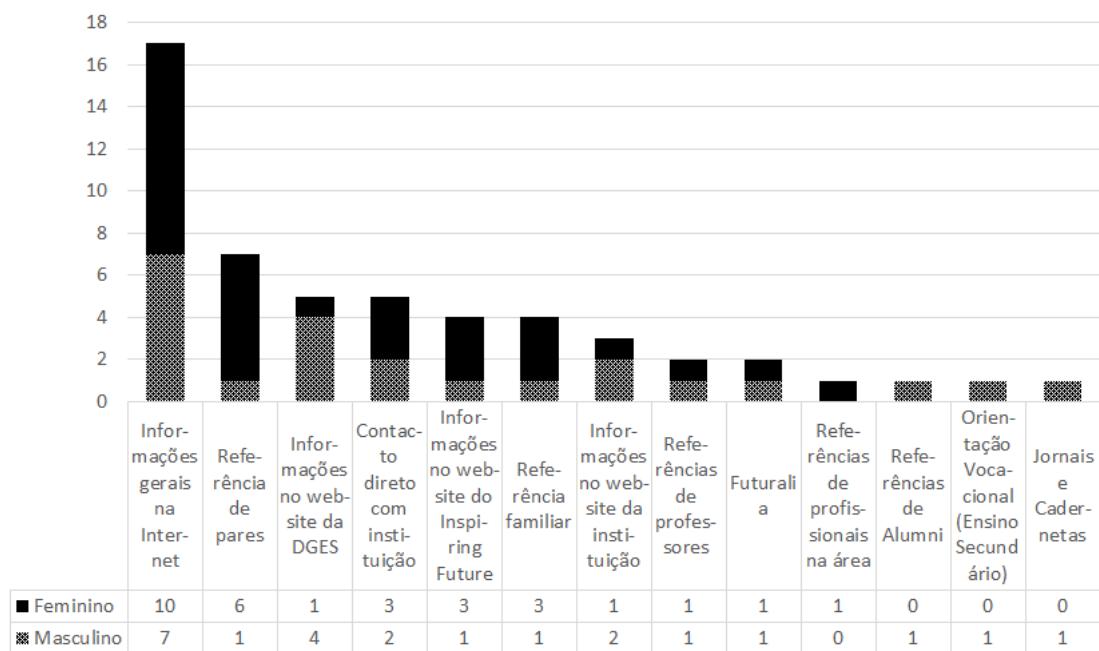


Figura D – Meios de suporte à tomada de decisão

GUIÃO DE ENTREVISTA

Tabela 1 - Identificação

VARIÁVEL	Descrição
NOME	
SEXO	
LICENCIATRA	
INSTITUIÇÃO	

Tabela 2 - Caracterização Sociodemográfica

VARIÁVEL	QUESTÃO
IDADE	Qual é a sua idade?
ESTADO CIVIL	Qual é o seu estado civil?
NATURALIDADE	Qual é a sua naturalidade?
NACIONALIDADE	Qual é a sua nacionalidade?
RESIDÊNCIA	Pode indicar o seu local de residência?
FAMÍLIA	Por quantas pessoas é composto o seu agregado familiar?
OBSERVAÇÕES 2	

Tabela 3 – Escolha do Curso

VARIÁVEL	QUESTÃO
LIBERDADE LIC.	Caso tivesse liberdade total, ausente de influências externas, qual seria a Licenciatura que escolheria? Justifique.
ESCOLHA LIC.	Porque escolheu esta Licenciatura?
CONTINUIDADE	Imagina prosseguir para Mestrado? E doutoramento?
GAP YEARS	Quanto tempo demorou a iniciar a Licenciatura após o Secundário?
PROCURA	Como descreveria o grau de procura da sua Licenciatura no mercado de trabalho? [Pouca; Alguma; Muita; Bastante]
OBSERVAÇÕES 3	

Tabela 4 – Escolha da Instituição

VARIÁVEL	QUESTÃO
LIBERDADE INS.	Caso tivesse liberdade total, ausente de influências externas, qual seria a Instituição que escolheria? Justifique.
ESCOLHA INS.	Porque escolheu esta Instituição?
INFLUÊNCIA	Considera que a escolha da instituição influenciou a escolha da Licenciatura?
OBSERVAÇÕES 4	

Tabela 5 - Origens socio-educacionais/profissionais

VARIÁVEL	QUESTÃO
PARENTES	Quem encara como tendo sido para si quem exerceu o papel de mãe e o papel de pai?
IDADE PARENTES	Quais as idades das suas figuras materna e paterna?
NAT. PARENTES	E quais são as respetivas naturalidades e nacionalidades?
HAB. PARENTES	Quais as habilitações dessas pessoas?
PROF. PARENTES	Pode-me dizer quais as profissões deles?
CLASSE SOCIAL	Entre Classe Baixa, Classe Média e Classe alta, como descreveria a sua classe social? Diria que influenciou a escolha?
OBSERVAÇÕES 5	

Tabela 6 – Situação Profissional

VARIÁVEL	QUESTÃO
EMPREGO	Encontra-se atualmente empregado?
ÁREA	O seu emprego reflete a sua área de formação?
MUDANÇAS	Espera mudanças a nível da sua profissão após concluir a sua Licenciatura?
APLICAÇÃO DE CONHECIMENTO	Teve oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos na Licenciatura?
OBSERVAÇÕES 6	

Tabela 7 – Financiamento

VARIÁVEL	QUESTÃO
CUSTO	Considera que a escolha do curso e instituição foi influenciada pelo custo do ensino superior?
FINANCIAMENTO	A escolha seria diferente se tivesse um maior financiamento ou suporte nas propinas?
OBSERVAÇÕES 7	

Tabela 8 – Residência

VARIÁVEL	QUESTÃO
LOCALIZAÇÃO	Considera que a escolha do curso e instituição foi influenciada pela localização da instituição?
LAR	Se tivesse uma instituição mais perto da sua habitação, escolheria essa instituição?
ALOJAMENTO	A escolha foi influenciada pela disponibilidade de alojamento?
OBSERVAÇÕES 8	

Tabela 9 – Fatores Pessoais

VARIÁVEL	QUESTÃO
DESAFIO PESS.	Procurou satisfazer alguma necessidade de desafio ou desenvolvimento pessoal ao escolher o curso e instituição?
EQUILÍBRIO	Relativamente à sua disponibilidade, teve alguma dificuldade em equilibrar a sua vida profissional, pessoal e académica com a escolha do curso e instituição?
SEGURANÇA	A escolha foi influenciada pelo nível de segurança percecionado no campus da instituição?
FAT. PESSOAIS	Existem alguns fatores pessoais que considere relevantes que tenham influenciado a sua escolha?
OBSERVAÇÕES 9	

Tabela 10 – Emprego

VARIÁVEL	QUESTÃO
DESAFIO PROF.	Procurou satisfazer alguma necessidade de desafio ou desenvolvimento profissional ao escolher o curso e instituição?
PROGRESSÃO	A escolha do curso e instituição foi influenciada por perspetivas vocacionais e de emprego ou por perspetivas de progressão na carreira?
NEC. FORMAÇÃO	Sentia alguma necessidade de formação quando escolheu prosseguir com os estudos ao nível superior?
APOIO EMPREG.	Encontra-se atualmente empregado? Considera que houve apoio por parte do empregador para o ensino e na transição para o papel de aluno?
RECRUTAMENTO	A probabilidade de os empregadores recrutarem um indivíduo pelo seu curso ou instituição escolhida tiveram impacto na sua escolha?
OBSERVAÇÕES 10	

Tabela 11 – Educação

VARIÁVEL	QUESTÃO
QUALIDADE	Considera que a qualidade percecionada [curso; instituição; docentes; ensino] influenciou a escolha do curso e/ou instituição?
REPUTAÇÃO	A escolha foi influenciada pela reputação académica da instituição?
DIVERSIDADE	A diversidade de cursos e programas influenciaram a escolha da instituição?
INTERESSE	A um nível mais individual, considera que a escolha foi influenciada pelo seu interesse no conteúdo académico ou pela sua própria motivação para o conhecimento?
DES. DISCIPLINAR	A escolha foi influenciada pela procura pelo desenvolvimento de competências disciplinares?
EXIGÊNCIAS	Considera que as exigências académicas do ensino superior influenciaram a escolha do curso e/ou instituição?
ADEQUAÇÃO	Considera que a escolha do curso e instituição são o resultado de uma procura de adequar o curso á sua pessoa?
APOIO	Considera que a presença ou ausência de apoio para o estudo [financeiro/apoio no estudo/etc.] influenciaram a escolha?
OBSERVAÇÕES 11	

Tabela 12 – Género

VARIÁVEL	QUESTÃO
INFL. GÉNERO	Considera que o seu género influenciou a escolha do curso e/ou instituição?
PAPÉL SOCIAL	Considera que as suas perspetivas educacionais e profissionais foram influenciadas pelos papéis sociais de género tradicionais?
OBSERVAÇÕES 12	

Tabela 13 – Fatores Sociais e Familiares

VARIÁVEL	QUESTÃO
OPINIÃO PARES	Considera que a sua escolha foi influenciada por opiniões e recomendações familiares e/ou de pares?
PRESENÇA PARES	A escolha foi influenciada pela presença de amigos e/ou familiares no curso/instituição?
EDUC. FAMÍLIA	Qual considera que seja o grau de influência do nível académico da sua família na escolha do curso e instituição?
INTERNACIONAL	Considera que a presença ou ausência de um corpo discente internacional influenciou a escolha?
VIDA SOCIAL	A vida social de estudante e ambiente académico tiveram impacto na sua escolha?
OBSERVAÇÕES 13	

Tabela 14 – Informação

VARIÁVEL	QUESTÃO
ACESSO	Antes da tomada da decisão, considera que teve acesso à toda a informação e meios necessários para suportar a escolha?
IMPORTÂNCIA	Na primeira instância em que tomou a decisão, qual o grau de importância que atribuía à mesma? [Pouca; Alguma; Muita; Bastante]
NOVA DECISÃO	Considera que teve acesso a novas informações que não estavam disponíveis na altura da primeira decisão? Se sim, tomaria uma decisão diferente agora?
OBSERVAÇÕES 14	

Tabela 15 – Fatores de Influência

SEGUITAMENTE, PASSAREI A DESTACAR 10 FATORES, E PEDIA QUE OS COTASSE DE 1 A 5 RELATIVAMENTE À INFLUÊNCIA QUE ESTES TIVERAM SOBRE SI NA SUA ESCOLHA DE CURSO E INSTITUIÇÃO (SENDO 1 UMA INFLUÊNCIA FRACA E 5 UMA INFLUÊNCIA FORTE).

VARIÁVEL	COTAÇÃO				
	1	2	3	4	5
CUSTOS COM A EDUCAÇÃO	1	2	3	4	5
INFLUÊNCIA FAMILIAR	1	2	3	4	5
INFLUÊNCIA DE AMIGOS/PARES	1	2	3	4	5
PRESTÍGIO DO CURSO / INSTITUIÇÃO	1	2	3	4	5
PROXIMIDADE ENTRE ESTABELECIMENTO DE ENSINO E LAR	1	2	3	4	5
EXPELATIVAS PROFISSIONAIS	1	2	3	4	5
AMBIENTE ACADÉMICO	1	2	3	4	5
OPORTUNIDADES A NÍVEL INTERNACIONAL	1	2	3	4	5
GOSTO PESSOAL	1	2	3	4	5
QUALIDADE DO CORPO DOCENTE	1	2	3	4	5
FATORES EXTRA					
OBSERVAÇÕES 15	Para além dos fatores referidos anteriormente e, considera que algum outro fator devesse constar nesta lista?				